



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

MIRIAM LOPES PAULO

**AS MIGRAÇÕES INTERNAS E A CONFIGURAÇÃO SÓCIO-  
ECONÔMICO-ESPACIAL DE ASSAÍ-PR:  
O CASO DOS NORDESTINOS**

---

LONDRINA  
2010

MIRIAM LOPES PAULO

**AS MIGRAÇÕES INTERNAS E A CONFIGURAÇÃO SÓCIO-  
ECONÔMICO-ESPACIAL DE ASSAÍ-PR:  
O CASO DOS NORDESTINOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Geografia - Dinâmica Espaço-Ambiental, do Departamento de Geociências do Centro de Ciências Exatas da Universidade Estadual de Londrina-PR, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alice Yatiyo Asari

LONDRINA  
2010

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca  
Central da Universidade Estadual de Londrina**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

P331m Paulo, Miriam Lopes.  
As migrações internas e a configuração sócio-econômico-espacial de Assai-  
PR : o caso dos nordestinos / Miriam Lopes Paulo. – Londrina, 2010.  
112 f. : il.

Orientador: Alice Yatiyo Asari.  
Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de  
Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em  
Geografia, 2010.  
Inclui bibliografia.

1. Geografia urbana – Teses. 2. Cidades e vilas – Paraná – Teses. 3.  
Migração interna – Teses. 4. Crescimento urbano – Teses. 5. Trabalhadores  
migrantes – Teses. I. Asari, Alice Yatiyo. II. Universidade Estadual de  
Londrina. Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em  
Geografia. III. Título.

CDU 911.3::711

MIRIAM LOPES PAULO

**AS MIGRAÇÕES INTERNAS E A CONFIGURAÇÃO SÓCIO-  
ECONÔMICO-ESPACIAL DE ASSAÍ-PR:  
O CASO DOS NORDESTINOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Geografia, Dinâmica Espaço-Ambiental do Departamento de Geociências do Centro de Ciências Exatas da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alice Yatiyo Asari  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof. Dr. Elpídio Serra  
Universidade Estadual de Maringá

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ruth Youko Tsukamoto  
Universidade Estadual de Londrina

Londrina 16 de dezembro 2011

Ao Eterno Deus Onipresente, Onisciente, Onipotente e Imutável, por ter me dado força, capacidade e sabedoria;

Aos nordestinos de todo o Brasil.

Aos nordestinos do município de Assai.

A meus pais Izaura Lopes Siqueira e José Paulo, pelo apoio e incentivo no decorrer do trabalho;

Ao meu sobrinho, João Pedro Kurihara Paulo, fonte de alegria e inspiração.

## **AGRADECIMENTOS**

Jamais poderia iniciar este trabalho sem agradecer ao meu Deus, este que sinto a cada respiração e pulsar do coração.

A realização deste trabalho foi possível devido ao auxílio de várias pessoas, de antigas amizades e de novas conquistas no desenvolvimento da pesquisa. As sugestões, as contribuições e o apoio recebido se encontram presentes nestas páginas.

Aos meus sessenta entrevistados nordestinos, que se dispuseram a conceder entrevista para enriquecer esse trabalho, sendo que, com muita cordialidade, receberam-me em seus lares, dispondo do seu tempo, mas eternizando sua história de vida nessas páginas.

Ao meu querido pai, Pastor José Paulo, que me acompanhou em todas as entrevistas, fazendo-se de fotógrafo e levando-me para os mais distantes lugares do município e do Distrito de Pau D'Alho do Sul, viabilizando a realização dos trabalhos de campo.

Em especial, à entrevistada dona Aurenice Cordeiro de Amorim, migrante nordestina, natural de Garanhuns-PE, que me convidou para conhecer sua terra natal.

À dona Elza Cordeiro de Miranda, que me recebeu em seu lar, no município de Garanhuns, dando-me ajuda e apoio para pesquisar juntamente com seus familiares e pessoas diversas.

Ao professor Carlos Guedes, que me recebeu na Universidade de Pernambuco-UPE, Campus-Garanhuns-PE, pelas conversas, pelos incentivos e pela amizade que ficou.

Ao professor Carlos Ubirajara, que permitiu e cedeu a sua aula de Geografia e População, para que eu pudesse apresentar e realizar uma atividade de pesquisa com os alunos do 3º ano do curso de licenciatura em geografia, na Universidade Estadual de Pernambuco-UPE.

Às estudantes de Geografia, Mariana Gueiros e Roberta Rafaela, que me auxiliaram com alguns contatos em Garanhuns-PE.

Aos amigos geógrafos, Jully Gabriela Retzlaf de Oliveira e Adriano Pereira de Almeida, pelas sugestões e incentivos para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos professores Márcia Jouvelina Rodrigues e Matteus Hermann, por ter realizado a revisão ortográfica deste trabalho.

E principalmente a Professora Alice Yatiyo Asari a eterna gratidão, pela sua orientação clara, segura e paciente.

“Não me temereis a mim? – diz o Senhor, não temereis diante de mim, que pus a areia por limite do mar, por ordenança eterna, que ele não transpassara? Ainda que se levantem as suas ondas, não prevalecerão, ainda que bramem, não a transpassarão”.

*Livro de Jeremias, capítulo 5, versículo 22.*

PAULO, Miriam Lopes. **As migrações internas e a configuração sócio-econômico-espacial de Assaí-PR: o caso dos nordestinos.** 2010. 112 fls. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

## **RESUMO**

O presente estudo objetivou apresentar uma análise sobre as migrações internas. Nesse, o agente principal é o migrante nordestino, que a partir dos anos 1940, deslocou-se em massa para o município de Assaí-PR. O município de Assaí-PR, foi fundado por migrantes japoneses, mas em virtude das atividades econômicas, como o café e principalmente o algodão, houve também a atração de grandes levas de nordestinos, que vivenciaram problemas sociais e econômicos em seus estados de origem. No decorrer do trabalho, buscou-se verificar qual foi a importância desse migrante nordestino para o desenvolvimento do município, assim como diagnosticar as suas contribuições para a localidade.

**Palavras- chaves:** Migração interna. Nordeste. Algodão. Desenvolvimento.

PAULO, Miriam Lopes. **Internal migrations and configuration socio-economic-spatial-PR-Assai**: the case of the northeast. 2010. 112 fls. Dissertation (Master's degree) - Universidad State de Londrina, Londrina, 2010.

### **ABSTRACT**

This study aimed to present an analysis of internal migration. In this, the agent is the main migrant Northeast, that since the 1940s, moved en masse to the city of Assaí-PR. The city of Assaí-PR was founded by Japanese immigrants, but because of economic activities, such as coffee and cotton mainly, there was also attracting droves of Northeastern, who came fleeing from the social and economic problems of the Northeastern States. During this work, we attempted to ascertain what was the importance of Northeastern migrant to the growth and development of the municipality, as well as diagnose their contributions to that location.

**Key-Words:** Internal Migration. Northeast. Cotton. Development.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> –	Mapa da localização da área de estudo .....	16
<b>Figura 2</b> –	Mapa da localização do município de Assaí-PR .....	17
<b>Figura 3</b> –	Mapa da Mesorregião Norte Paranaense .....	17
<b>Figura 4</b> –	Mapa do município de Assaí-PR representando as seções rurais que o compõe .....	29
<b>Figura 5</b> –	Mapa – Seção Central (Assaí-PR) e seu sistema rodoviário atual .....	30
<b>Figura 6</b> –	Mapa – Estados de origem dos migrantes nordestinos .....	63
<b>Figura 7</b> –	Mapa - Seções de destino dos nordestinos a Assaí-PR .....	76

## LISTA DE FOTOS

<b>Foto 1</b> – Visão parcial da região de Assaí-PR .....	18
<b>Foto 2</b> – Visão da porção oeste de Assaí-PR .....	19
<b>Foto 3</b> – Morro localizado próximo ao limite entre Assaí-PR e Jataízinho-PR.....	19
<b>Foto 4</b> – Visão geral da porção do relevo próximo a Assaí-PR .....	20
<b>Foto 5</b> – Alto do Magano - Garanhuns-PE.....	46
<b>Foto 6</b> – Alto do Magano - Garanhuns-PE.....	46
<b>Foto 7</b> – Casal Eduardo Rodrigues da Cunha e Santina Cunha.....	62
<b>Foto 8</b> – O casal José Amaral Ferreira e dona Maria Teles de Amaral .....	63
<b>Foto 9</b> – Residência da família Amaral .....	64
<b>Foto 10</b> – Dona Neuza Correa de Melo .....	67
<b>Foto 11</b> – Transporte típico das áreas rurais do município de Caraúbas-PI.....	69
<b>Foto 12</b> – Vista parcial da implantação da cidade de Assaí-PR/1940 .....	75
<b>Foto 13</b> – Vista parcial das atividades comerciais na Avenida Rio de Janeiro .....	76
<b>Foto 14</b> – Entrevistada Dona Maria Borges.....	84
<b>Foto 15</b> – Dona Otília Rosa Pereira.....	84
<b>Foto 16</b> – José Bernardino de Souza e Luzinete Francisca de Souza .....	85
<b>Foto 17</b> – Trabalho nos algodoads .....	86
<b>Foto 18</b> – Trabalho nos algodoads .....	87
<b>Foto 19</b> – Dona Maria de Lourdes da Silva.....	88
<b>Foto 20</b> – Dona Maria Ramos da Silva e Nelson Luis da Silva.....	89
<b>Foto 21</b> – Empresa, Comércio de madeiras .....	91
<b>Foto 22</b> – Antigo barracão da Mercantil de Algodão Vale do Tietê-LTDA .....	92
<b>Foto 23</b> – Bonecos de barro .....	95
<b>Foto 24</b> – Barraca com comida e objetos típicos nordestinos.....	95
<b>Foto 25</b> – Severino Felix Pessoa no dia da entrevista.....	97
<b>Foto 26</b> – Severino Felix Pessoa na festa nordestina.....	98

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Produtos agrícolas cultivados em Assaí-PR - safra 2008 e 2009 .....	34
<b>Quadro 2</b> – Produção do algodão – Município de Assaí-PR .....	39
<b>Quadro 3</b> – IDH, Analfabetismo e Mortalidade Infantil das Regiões Brasileiras .....	42
<b>Quadro 4</b> – Distribuição da População por sexo – Assaí-PR.....	58

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Naturalidade dos entrevistados .....	45
<b>Tabela 2</b> – Distribuição da população por sexo.....	57
<b>Tabela 3</b> – Local de origem dos migrantes, por município do estado de Pernambuco .....	61
<b>Tabela 4</b> – Profissão dos entrevistados.....	64
<b>Tabela 5</b> – Condições de vida no local de origem .....	66
<b>Tabela 6</b> – Motivação para migrar .....	68
<b>Tabela 7</b> – Duração da viagem .....	69
<b>Tabela 8</b> – Condições da viagem .....	71
<b>Tabela 9</b> – Ano da chegada em Assaí-PR.....	71
<b>Tabela 10</b> – Localização da moradia ao chegar em Assaí-PR .....	72
<b>Tabela 11</b> – Trabalho que desempenhou ao chegar em Assaí-PR .....	74
<b>Tabela 12</b> – Condições de vida/ melhor ou pior/ NE.....	74
<b>Tabela 13</b> – Representação de Assaí-PR na chegada.....	78
<b>Tabela 14</b> – Dificuldades ao chegar .....	80
<b>Tabela 15</b> – Condições de vida atual.....	80
<b>Tabela 16</b> – Como foi para conseguir esse trabalho .....	81
<b>Tabela 17</b> – Naturalidade dos proprietários rurais .....	82
<b>Tabela 18</b> – Tempo necessário para a aquisição de bens .....	83
<b>Tabela 19</b> – Condições de vida como trabalhadores dos algodais.....	86
<b>Tabela 20</b> – Forma de pagamento para os trabalhadores dos algodais.....	87
<b>Tabela 21</b> – O patrão permitia que plantasse outra lavoura .....	88
<b>Tabela 22</b> – Situação das casas dos trabalhadores .....	89
<b>Tabela 23</b> – Causas da diminuição do algodão em Assaí-PR.....	93
<b>Tabela 24</b> – Diminuição do algodão por décadas.....	93
<b>Tabela 25</b> – Relação com o estado de origem .....	94
<b>Tabela 26</b> – Lembranças do Nordeste.....	99
<b>Tabela 27</b> – Quantidade de vezes que retornou para o Nordeste .....	100

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1 O MUNICÍPIO DE ASSAÍ-PR</b> .....	16
1.1 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE ASSAÍ .....	18
1.2 O MUNICÍPIO DE ASSAÍ E A OCUPAÇÃO DO NORTE DO PARANÁ .....	21
1.3 A COLONIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ASSAÍ – OS JAPONESES.....	26
1.4 A SITUAÇÃO ATUAL DO MUNICÍPIO DE ASSAÍ .....	31
1.5 O DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA DO MUNICÍPIO DE ASSAÍ .....	35
<b>2 O NORDESTE BRASILEIRO E AS MIGRAÇÕES INTERNAS</b> .....	42
2.1 A POPULAÇÃO NORDESTINA E A SUA TRAJETÓRIA MIGRATÓRIA.....	43
2.2 SUBSÍDIOS PARA ENTENDER AS MIGRAÇÕES INTERNAS.....	50
<b>3 OS NORDESTINOS DE ASSAÍ</b> .....	56
3.1 CONDIÇÕES DE VIDA NO NORDESTE: A MIGRAÇÃO.....	65
3.2 Os MIGRANTES NORDESTINOS NO MUNICÍPIO DE ASSAÍ.....	71
3.3 O TEMPO DE TRABALHO NOS ALGODOAIS ASSAIENSES .....	81
3.4 CONTRIBUIÇÕES NORDESTINAS PARA O MUNICÍPIO DE ASSAÍ .....	95
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	101
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	103
<b>ANEXO</b> .....	106
ANEXO A - Questionário para Pesquisa de Campo.....	108
ANEXO B - Tabelas – População residente em Assaí-PR por lugar de nascimento .....	109
ANEXO C - Fotos dos entrevistados migrantes nordestinos .....	110

## INTRODUÇÃO

Este trabalho foi realizado no município de Assaí, juntamente com os seus moradores migrantes nordestinos, pautando-se no estudo de sua população urbana e rural. Este município nasceu e cresceu sob o impulso colonizador da Bratac-Sociedade Colonizadora do Brasil Ltda, que adquiriu a fazenda Três Barras, com 13.600 alqueires, localizada no município de São Jerônimo da Serra (ASARI, 1992). As terras foram loteadas e vendidas principalmente aos imigrantes japoneses com experiência agrícola no oeste paulista.

O recorte espacial é o município de Assaí-PR, e como recorte temporal iremos abordar as migrações internas que ocorreram desde anos 1940 e os aspectos sócio-econômicos desses migrantes na atualidade, pois com a prosperidade agrícola do município, muitos nordestinos migraram para trabalhar nos algodoads. Além do que, poucos são os estudos que se refere a população nordestina assaiense, visto que o município de Assaí é considerado um dos mais nipônicos do estado do Paraná, e vasto são os estudos destinados a esses descendentes de japoneses.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi necessário a busca de dados nos órgãos competentes, aplicamos questionários, realizamos entrevistas junto aos migrantes nordestinos moradores do município como parte dos trabalhos de campo.

Tem-se como objetivo geral a análise da migração interna ocorrida no município, em virtude das atividades econômicas, como o café e o algodão, que atraiu após o ano de 1932, grandes levas de migrantes nordestinos, que vieram “fugindo” dos problemas sociais e econômicos dos Estados do Nordeste e contribuíram para o crescimento e desenvolvimento do município de Assaí-PR.

O objetivo geral subdivide-se em outros de caráter específico, dentre os quais: a) fazer um levantamento para verificar a origem dos migrantes nordestinos; b) analisar o período histórico que ocorreu essa migração; c) identificar as atividades econômicas desenvolvidas pelos migrantes nordestinos na atualidade; d) verificar as contribuições culturais e econômicas trazidas e vividas hoje pelos moradores de Assaí – PR; e) reconhecer as condições econômicas e sociais dos imigrantes; f) verificar as conseqüências ocorridas na região com a redução das culturas de café e algodão e a substituição por soja, trigo e fruticultura.

Os migrantes nordestinos foram e são muito importantes para a configuração sócio-econômica do município de Assaí, pois através do seu trabalho desenvolvidos nos algodoais, eles contribuíram para o crescimento e desenvolvimento do município.

A dissertação está estruturada em três partes, sendo que a primeira trata do município de Assaí, evidenciando sua ocupação, sua colonização, a sua situação atual e o desenvolvimento agrícola.

A segunda faz uma abordagem sobre a Região Nordeste, local de origem dos fluxos migratórios, objeto desta pesquisa e a terceira parte, apresenta a pesquisa empírica, as migrações internas, o algodão e os nordestinos no município de Assaí. (Tabela 01, 02 e 03 em anexo).

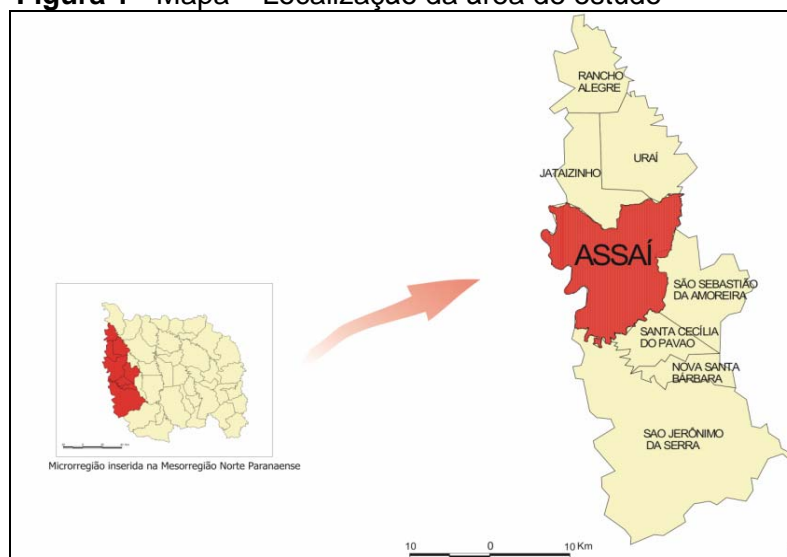
## 1 O MUNICÍPIO DE ASSAÍ-PR

O município de Assaí está situado na Mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, e dá nome à Microrregião em que está inserida juntamente com os municípios de seu entorno, ou seja, Microrregião Algodoeira de Assaí<sup>1</sup>, a 23° 22' 24" de Latitude Sul e 50° 50' 29" de Longitude Oeste, a uma altitude de 650 metros em relação ao nível do mar. Sua superfície total é de 440,346 quilômetros quadrados.

Segundo estimativas do IBGE (2009), a atual população do município compreende 16.112 habitantes. Os municípios que fazem limite com Assaí são: ao norte, Jataízinho e Uraí; ao sul, São Jerônimo da Serra e Santa Cecília; a leste, São Sebastião da Amoreira e Nova América da Colina; e a oeste, Ibiporã e Londrina. (Figuras 01, 02 e 03).

O rio Tibagi constitui-se na principal bacia hidrográfica do município. O clima predominante é o Subtropical Úmido Mesotérmico, o qual apresenta verões quentes com tendência de concentração das chuvas (temperatura média superior a 22° C), invernos com geadas pouco frequentes (temperatura média inferior a 18° C), sem estação seca definida.

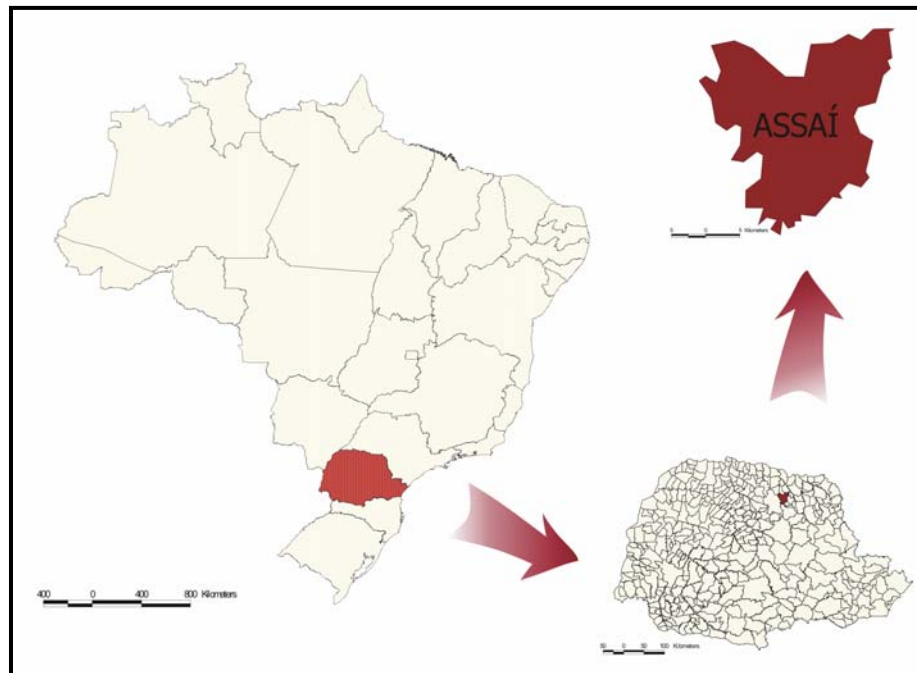
**Figura 1** - Mapa – Localização da área de estudo



**Fonte:** Prefeitura Municipal de Assaí-PR/2005

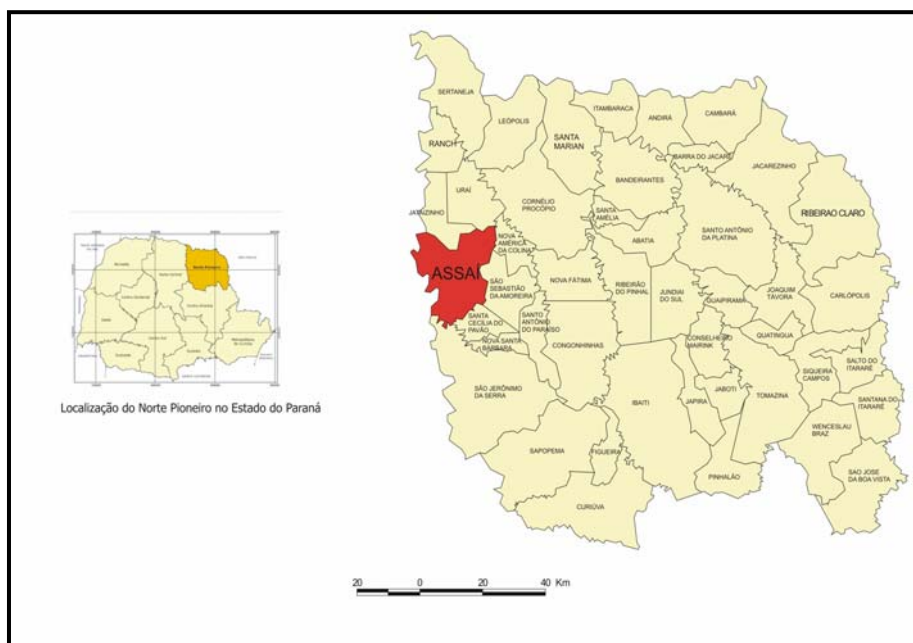
<sup>1</sup> A Microrregião Algodoeira de Assaí é, de acordo com a divisão do IBGE, parte integrante da Mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, e é formada pelos municípios de: Assaí, Jataízinho, Nova Santa Bárbara, Rancho Alegre, Santa Cecília do Pavão, São Jerônimo da Serra, São Sebastião da Amoreira e Uraí.

**Figura 2 - Mapa – Localização do município de Assaí-PR.**



**Fonte:** Prefeitura Municipal de Assaí-PR/2005

**Figura 3 - Mapa – Mesorregião Norte Paranaense**



**Fonte:** Prefeitura Municipal de Assaí-PR/2005

## 1.1 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE ASSAÍ.

Os aspectos geográficos do município de Assaí constituem um item importante para esse trabalho, pois já nos primeiros levantamentos topográficos da área, realizados pelas companhias colonizadoras, observou-se a presença de muitas rochas expostas, que dificultaria a implantação de lavouras. Com isso a zona urbana foi estabelecida nessa área e a parte plana foi destinada para a prática da agricultura.

A região pertence ao Terceiro Planalto Paranaense, denominado também de Planalto de Guarapuava, inserido no bloco regional do Planalto de Apucarana, que declina da Serra do Cadeado numa extensão de 150 Km, de 1.125 m para 290 m no rio Paranapanema (MAACK, 2002).

Segundo dados do Plano Diretor do município de Assaí-PR (ASSAI, 2005), o relevo da região pode ser dividido em duas grandes áreas conforme a inclinação das suas vertentes. Ao norte/nordeste/leste da área urbana de Assaí predomina um relevo mais movimentado devido à existência de pelo menos dois derrames principais, o que originou vertentes inclinadas, principalmente quando comparadas com regiões de outros municípios, em especial, a região oeste, onde a uniformidade litológica originou uma morfologia suavemente ondulada, pouco inclinada.

No geral tem-se uma configuração em degraus para o relevo (Fotos 01 e 02).

**Foto 1** - Visão parcial da região de Assaí-PR. Ao fundo, destaca-se o relevo em degraus, originados por diferentes derrames vulcânicos.



**Fonte:** Prefeitura Municipal de Assaí-PR/2005

**Foto 2** - Visão da porção oeste de Assaí-PR, com relevo característico



**Fonte:** Prefeitura Municipal de Assaí-PR/2005.

São comuns encostas retilíneas ou côncavas, e a declividade é elevada, destacando morros sustentados por basalto, ricos em amídalas e vesículas preenchidas por quartzo em suas diferentes formas. Esses morros normalmente correm isolados, possuindo vertentes côncavas ou convexas e topos arredondados ou planos, lembrando a forma morfológica denominado de meseta<sup>2</sup>. (Foto 03)

**Foto 3** - Morro localizado próximo ao limite entre Assaí-PR e Jataizinho-PR. A rocha existente naquela localidade é o basalto.



**Fonte:** Prefeitura Municipal de Assaí-PR/2005.

---

<sup>2</sup> Termo de origem espanhola empregado alternativamente à mesa. Em caso específico, serve para designar altos planaltos de pequenas dimensões situados no centro da Espanha. (GIOVANNETTI; LACERDA, 1996).

Tantos os diferentes derrames como os morros isolados originam pequenas 'serras' que se destacam na morfologia da região.

A outra porção do relevo se destaca por apresentar formas mais suave, com vertentes convexas, topos arredondados e vales abertos, nas quais regiões se desenvolvem atividades agrícolas mecanizadas. (Foto 04).

**Foto 4** - Visão geral da porção do relevo próximo a Assaí-PR, onde predominam as formas mais suaves.



**Fonte:** Prefeitura Municipal de Assaí-PR/2005

As áreas mais planas estão localizadas no extremo nordeste e sudeste do município. A porção urbana do município se distribui próximo ao contato entre dois grandes derrames sendo comuns declividades elevadas ultrapassando em vários locais os 30%.

A urbanização da área desenvolveu-se com certo grau de dificuldade, sendo que o sítio urbano encontra-se em área protegida pelas elevações circunvizinhas. A maior parte da área urbana de Assaí está localizada em um espigão orientado segundo a direção NW/SE.

A altitude média da área urbana de Assaí está ao redor de 550 metros podendo atingir, em alguns pontos, 670 metros.

A geologia regional caracteriza-se por rochas pertencentes à Formação Serra Geral, grupo São Bento da Bacia Sedimentar do Paraná. Trata-se de basaltos toléíticos, com espessura afanítica, coloração cinza escura amidaloidal e/ou vesicular no topo dos derrames e com grande desenvolvimento de fraturas verticais e horizontais. Podem ser observadas ainda, outras famílias de fraturas, resultantes de forças tectônicas diversas. Estas rochas apresentam idade Juro-

Cretáceas (120-130 milhões de anos) e encontram-se amplamente representadas, em área, ao longo de toda a bacia sedimentar do Paraná (MAACK, 2002).

Ao longo da área urbana são comuns ainda os afloramentos rochosos, sendo que, em diversos locais, o solo praticamente não existe, e as construções encontram-se em sua maioria sobre a rocha.

A hidrografia local pertence à Bacia Hidrográfica do rio Tibagi, afluente do rio Paranapanema. O clima é subtropical úmido, com verões quentes e geadas pouco freqüentes, com tendências de concentração das chuvas, nos meses de verão, sem estação seca definida. A média das temperaturas dos meses mais quentes é superior a 22°C, e a dos meses mais frios é inferior a 18°C, denominado de Cfa no sistema estabelecido por W. Koeppen. (MAACK, 2002).

A região é predominantemente agrícola, mantendo alguns remanescentes do revestimento florístico primário, caracterizado pela floresta Estacional Semidecidual ou Mata pluvial-tropical do Terceiro Planalto, rica em epífitas (MAACK, 2002). Segundo o autor, na década de 1980, registrava-se aproximadamente 8.769 Km<sup>2</sup> dessa vegetação no Paraná, restando atualmente poucas áreas com diferentes graus de 'conservação.

## 1.2 O MUNICÍPIO DE ASSAÍ E A OCUPAÇÃO DO NORTE DO PARANÁ.

Este item tem por objetivo fazer um pequeno relato sobre a ocupação do norte do Paraná, com o fim de caracterizar o município ora analisado. Salienta-se que este não é um estudo exaustivo do processo de ocupação do Paraná, pois existem vários trabalhos<sup>33</sup> contemplando tal problemática.

As companhias colonizadoras foram as principais responsáveis pelo processo de ocupação das terras do Norte do Paraná e dentre elas, destacamos:

---

<sup>33</sup> Citamos abaixo alguns trabalhos sobre o processo de ocupação do Paraná: BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti. O problema das "Frentes Pioneira" no Estado do Paraná. In: FRESCA, Tânia Maria; CARVALHO, Márcia Siqueira. **Geografia e Norte do Paraná: um resgate histórico**. Londrina: Humanidades, 2007. v. 1, p. 137-211. CARVALHO, Márcia Siqueira. **Geografia e Norte do Paraná: um resgate histórico**. Londrina: Humanidades, 2007. v. 2, p. 1-18. MÜLLER, Nice Lecocq. Contribuições ao estudo do Norte do Paraná. In: FRESCA, Tânia Maria; CARVALHO, Márcia Siqueira. **Geografia e Norte do Paraná: um resgate histórico**. Londrina: Humanidades, 2007. v. 2, p. 19-70.

- Assaí – Bratac (Sociedade Colonizadora do Brasil).
- Londrina – (Companhias de Terras Norte do Paraná).
- Uraí – Companhia Nambéi Colonizadora (América do Sul).

O enfoque principal será dado à Bratac, a responsável pela ocupação da área que compreende o município de Assaí. Considere-se também o solo da região tão propício à prática agrícola, como o café e o algodão. Já no ano de 1953, Bernardes (2007, p. 167), dizia que:

O que mais favorece, no entanto, o Norte do Paraná é a existência da já famosa terra roxa, abrangendo uma área vastíssima, contínua, de extensão muito superior à das zonas paulistas beneficiadas por sua presença. A terra roxa, de grande fertilidade valorizou todo o norte do Paraná e tem disso o chamariz para os milhares de indivíduos que para aí ocorrem desde o começo do século.

Devido à relevância do papel exercido pela Companhia de Terras Norte do Paraná, destacar-se-á alguns fatos acerca desse empreendimento.

A colonização intensiva do norte paranaense iniciou em 1929 por obra da Companhia de Terras Norte do Paraná, a qual tem origem na Inglaterra. Segundo Müller (1956), a Companhia resolvera, de início, comprar essas terras para a cultura de algodão, que substituisse e complementasse a produção nas colônias inglesas de alguns países da África, visto que as necessidades de matéria-prima da indústria têxtil britânica eram grandes.

De acordo com Padis (1981) o governo brasileiro sabedor do interesse de grupos ingleses em relação à compra de terras brasileiras, fez o convite àqueles europeus e, em 1924, recebeu a visita da missão Montagu, da qual participava o Lord Simon Lovat. Este era técnico em agricultura e reflorestamento e ficou impressionado com a região norte do Paraná, em virtude do solo de excelente qualidade, motivando assim a aquisição de duas glebas de terras voltadas a implantação de fazendas de algodão e máquinas de beneficiamento. Nesta área está atualmente instalado o município de Londrina-PR.

Essas colônias prosperaram rapidamente, dada a qualidade das terras e a assistência médica, agrônômica e financeira fornecida pelas próprias colonizadoras, o crescimento e expansão da companhia foi amplo, tendo em vista a compra de terras na referida região. A companhia comprou a décima sexta parte da área total do estado. Note-se:

Em 1925 foram adquiridas duas glebas de terras: uma de 350 mil e outra de 100 mil alqueires. Nos três anos seguintes mais outras três foram adquiridas, cujas dimensões eram de 15.017, 30.000 e 20.000 alqueires. Portanto, desde a sua fundação até 1928, a companhia adquiriu uma área contínua de nada menos que 515.017 alqueires, o que corresponde à décima-sexta parte da área total do estado, mas que é a sua melhor porção em termos de solo. Mais tarde, em 1944, uma outra gleba, separada da primeira, foi adquirida e com área de 29 mil, perfazendo então um total de 544.017 alqueires. (PADIS, 1981, p. 91).

Durante a Segunda Guerra Mundial esse empreendimento foi proibido de exercer suas atividades. Os estrangeiros foram obrigados a vender as terras então adquiridas, mas Bernardes (1956), argumenta também que tal venda deu-se em razão dos pesados impostos sobre capitais estrangeiros. Essa Companhia inglesa foi vendida para um grupo de capitalistas de São Paulo, que realizou o mesmo trabalho inicial, o qual consistia na ocupação do norte-paranaense através de vendas de terras, passando a organização a se chamar: Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

A Companhia de Terras Norte do Paraná comprou as terras a preços baixos. No entanto, após o investimento da Cia. Ferroviária São Paulo–Paraná, em trilhos, rodovias e pontes, ligando e interligando cidades e regiões, tais lotes de terras se valorizaram. As companhias puderam então, posteriormente, revender essas terras com lucro significativo, provocando assim surpreendente crescimento econômico e demográfico de toda a região, a qual recebeu inúmeras famílias especialmente de paulistas, mineiros e nordestinos.

Por outro lado, Bernardes (1956, p. 168), referindo-se à proximidade da porção norte com o estado de São Paulo, afirma que esse fato “implicava em certas facilidades de transporte e mercado que ajudam a explicar o interesse havido na aplicação de grandes capitais para sua colonização e o êxito deste empreendimento, revelado pelo avanço rápido da frente pioneira”.

Torna - se conveniente salientar que segundo Padis (1981, p. 83),

Em menos de quarenta anos uma área de aproximadamente 71.637 quilômetros quadrados, ou seja, cerca de 36 por cento do território paranaense transforma-se, de densa mata, absolutamente despovoada, em região que, em 1960, contava com cerca de 1.843 mil habitantes (34 por cento da população do estado) distribuídos em 172 cidades, algumas de porte considerável.

Essa Companhia inglesa parcelou e implantou um sistema de colonização visando o não estabelecimento de grandes fazendas monocultoras, como as do estado de São Paulo, mas sim, um regime de pequenas e médias propriedades numa área de mais de 500 mil alqueires.

A publicação da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (apud Asari, 1992, p. 13), informa que,

A Companhia de Terras Norte do Paraná realmente teve um papel de grande importância no processo de povoamento do Norte do Paraná, pois esta colonizou (desde 1929), uma área de 546.078 alqueires de terra, ou seja, 13.166 km<sup>2</sup>, fundou 63 cidades e patrimônios, vendeu lotes e chácaras a 41.741 compradores, de área variável de 5 a 30 alqueires e cerca de 70 mil lotes urbanos.

Outro fato importante no processo colonizador do norte paranaense foram as Companhias oriundas do Japão, responsáveis pela colonização do município de Assaí, entre outras. Segundo Padis (1981, p.90), “[...] a primeira delas, era de dimensões relativamente modestas, foi fundada a partir de 1931 em áreas ainda não ocupadas do chamado Paraná Velho, vizinhas a Cornélio Procópio, por duas companhias constituídas de capitais japoneses, a “Brasil Tokushoku Kaisha” – Bratac – e a “Nambei Tochi Kabushiki Kaisha”, que resultaram no aparecimento de dois municípios - Assaí e Uraí - cuja base econômica não era o café, mas especialmente o algodão, cuja população não se constituía de nacionais, mas de japoneses imigrantes”.

Empresa de economia mista, com capital constituído pelas contribuições das províncias japonesas e de particulares, a Companhia Brasil Tokushoku Kaisha - Bratac se propunha a recrutar e a encaminhar os imigrantes de colonização agrícola, não os deixando isolados, mas os organizando como colonos proprietários em núcleos planejados. Tinha como principal objetivo o desenvolvimento de atividades agrícolas.

A Bratac facilitou a entrada de japoneses, pois havia um plano especial de venda de terras. Havia uma preocupação no seu plano, de desenvolver uma política de auto-suficiência, oferecendo assistência e orientação aos colonos. O interesse da colonização japonesa no Brasil era de fixar o homem à terra, tornando-os proprietários, visto que a maioria dos imigrantes não possuía.

A citação abaixo evidencia tal fato:

O núcleo de Três Barras – hoje ocupado em sua grande parte pelo município de Assaí, possui características que evidenciam a existência da “frente pioneira”, capitaneada por uma empresa colonizadora japonesa, que adquiriu a Fazenda Três Barras, com dezoito mil alqueires, parcelando-a em propriedades que variavam de cinco a quinze alqueires, e vendendo-a preferencialmente a imigrantes japoneses com experiência no oeste paulista. (ASARI, 1992, p. 11).

Como já observado, a Fazenda Três Barras acolheu, após o parcelamento realizado pela BRATAC, imigrantes japoneses com experiência na agricultura brasileira, vindos do Estado de São Paulo. Segundo Padis (1981), houve a divisão das terras em pequenos lotes, cujas dimensões variavam entre três e quinze alqueires. A venda era feita por pagamento parcelado, em prazo de até quatro anos, com juros de oito por cento anuais. Além disto, há muitos casos em que as companhias colonizadoras ofereciam transporte e assistência técnica (ou até mesmo financeira, como por exemplo, por parte da Bratac) para a instalação dos colonos. Verifica-se que:

A Companhia de Terras Norte do Paraná adquiriu as suas glebas do governo do estado, à razão de 20 mil-réis por alqueire paulista, em 1925. Quinze anos depois, em 1940, ela os vendia à razão de 500 mil-réis. Uma década depois, 1950, o preço por alqueire não ia além dos 10 mil cruzeiros, ou seja, cerca de quinze vezes o salário mínimo fixado para a região norte - paranaense e oito vezes o estabelecido para a cidade de São Paulo. Assim sendo, uma pessoa que adquirisse, em 1950, um lote de três alqueires, por 30 mil cruzeiros, poderia pagá-lo em 48 prestações, o que significava pouco mais que um salário mínimo por mês. (PADIS, 1981, p. 106).

Assim, as atividades agrícolas no norte paranaense desenvolveram-se numa estrutura fundiária baseada nas pequenas e médias propriedades, com destaque para a produção do café e do algodão. Tais culturas foram responsáveis por considerável parcela da renda gerada no estado. As companhias colonizadoras tiveram papel fundamental na ocupação dessa extensa área de terra, pois até então, eram desconhecidas e totalmente desprovidas de infra-estrutura.

Outro fator que propiciou a ocupação do Norte do Paraná foi, além das dimensões das propriedades, também a assistência prestada pelas companhias loteadoras, dotando a colônia de infra-estrutura de forma a torná-la auto-sustentável. Além de financiar a aquisição dos lotes, a BRATAC abriu estradas, construiu escolas, deu condições para atendimento médico e outros benefícios.

As dimensões das propriedades condicionaram o tipo de atividade agrícola que surgiu na região, aliado ao pouco capital investido e a farta mão-de-obra. Desta forma, foi bastante rápido o desenvolvimento agrícola da região, considerando também a fertilidade do solo, a densa mata que cobria a região, que fornecia madeiras, suprimindo as necessidades de construção de casas, tulhas e tudo que necessitavam para seu trabalho.

### 1.3 A COLONIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ASSAÍ – OS JAPONESES.

Os primeiros migrantes japoneses chegaram ao Brasil em 18 de junho 1908, a bordo do navio Kasato Maru. Eles contavam com incentivo e subsídio dado pelo governo japonês, com vistas à diminuição de seu excedente populacional, em função do tamanho territorial daquele país, e também devido a suas ambições expansionistas.

Esclarecendo tal fato, Asari (1992) diz que o governo japonês se dispôs a financiar o transporte dos imigrantes para os países receptores, o que foi realizado durante um período determinado. Ao mesmo tempo, o grande proprietário de cafezais do Brasil, necessitando de mão-de-obra, também participou do ressarcimento das despesas com a locomoção dos imigrantes.

Ademais, segundo Ando (1971 apud ASARI, 1992) a corrente migratória japonesa para o Brasil na forma de colono iniciou-se em 1908, quando a economia brasileira começa a se recuperar da crise cafeeira.

Ao chegar ao Brasil, a maioria dos japoneses foi trabalhar nas grandes fazendas de café do interior paulista. O café era um produto muito valorizado pelo governo brasileiro, que concedia subsídios e benefícios para quem o plantasse.

O Norte do Paraná recebeu, com exceção de poucos municípios, grande influência da cultura nipônica, pois nos finais dos anos de 1920 e início dos anos de 1930, recebeu muitos japoneses. Mas são os municípios de Assaí e Uraí que lideram, tanto em número, como em termos culturais, a influência japonesa. Como a pesquisa teve como foco o município de Assaí, centra-se então em suas particularidades.

Oguido (1988, p. 127), coloca que:

Em 1932, a Companhia Colonizadora Três Barras fundou um patrimônio no Município de São Jerônimo da Serra. No princípio, seu nome era Três Barras. Depois, passou a ser chamado de Assailand, que quer dizer Terra do Sol Nascente. Em 1938, a localidade foi elevada à condição de distrito de São Jerônimo, recebendo a denominação definitiva de Assaí. Seis anos mais tarde alcançava a categoria de Município, cuja instalação se deu em 1º. de janeiro de 1945, com a posse do primeiro Prefeito Municipal, o major José Schleder.

A companhia colonizadora BRATAC, adquiriu grandes glebas de terras e as lotearam (Fazenda Três Barras), promovendo então a colonização e a ocupação através do sistema de pequenas propriedades, com a aquisição de tais lotes, em sua maior, por japoneses originários do estado de São Paulo.

Segundo Asari (1992), a implantação da Colônia Três Barras inseriu-se numa política migratória do governo japonês, que visava a emigração de agricultores proprietários. De Fazenda, passou a ser denominada Colônia Três Barras, em seguida Colônia Assailândia, ou seja, “Assahi”, que significa sol nascente em japonês e “Land”, que significa Terra. Então Assaí é a Terra do Sol Nascente como dizem os japoneses, fazendo referência ao seu país de origem.

A Fazenda Três Barras tinha dezoito mil alqueires, parceladas em lotes de dez a vinte alqueires, os quais eram vendidos em sua maior parte para imigrantes japoneses vindos do Oeste Paulista.

A instalação do núcleo urbano foi problemática, por causa do terreno acidentado. Com a derrubada da mata virgem, percebeu-se a presença de muitas pedreiras, mas a BRATAC posicionou-se a favor da fixação do núcleo urbano nesta área mesmo, ao norte do Rio Peroba. Asari (1992, p. 22), salienta que:

Neste caso, alguns pioneiros consideram a posição da BRATAC altamente coerente, pois as terras planas, férteis, sem ‘pedras grandes’, deveriam ser utilizadas para o cultivo e as áreas improdutivas para o assentamento das cidades, além do que a localização do sítio urbano numa área de topografia acidentada e com afloramentos rochosos, deve-se ao fato de que se raciocinava que as terras planas devem se destinadas á agricultura.

Ainda segundo a autora, os japoneses organizaram a terra em sistema de “seções” (“mura”, ou seja, “bairros rurais” em japonês). As seções ou

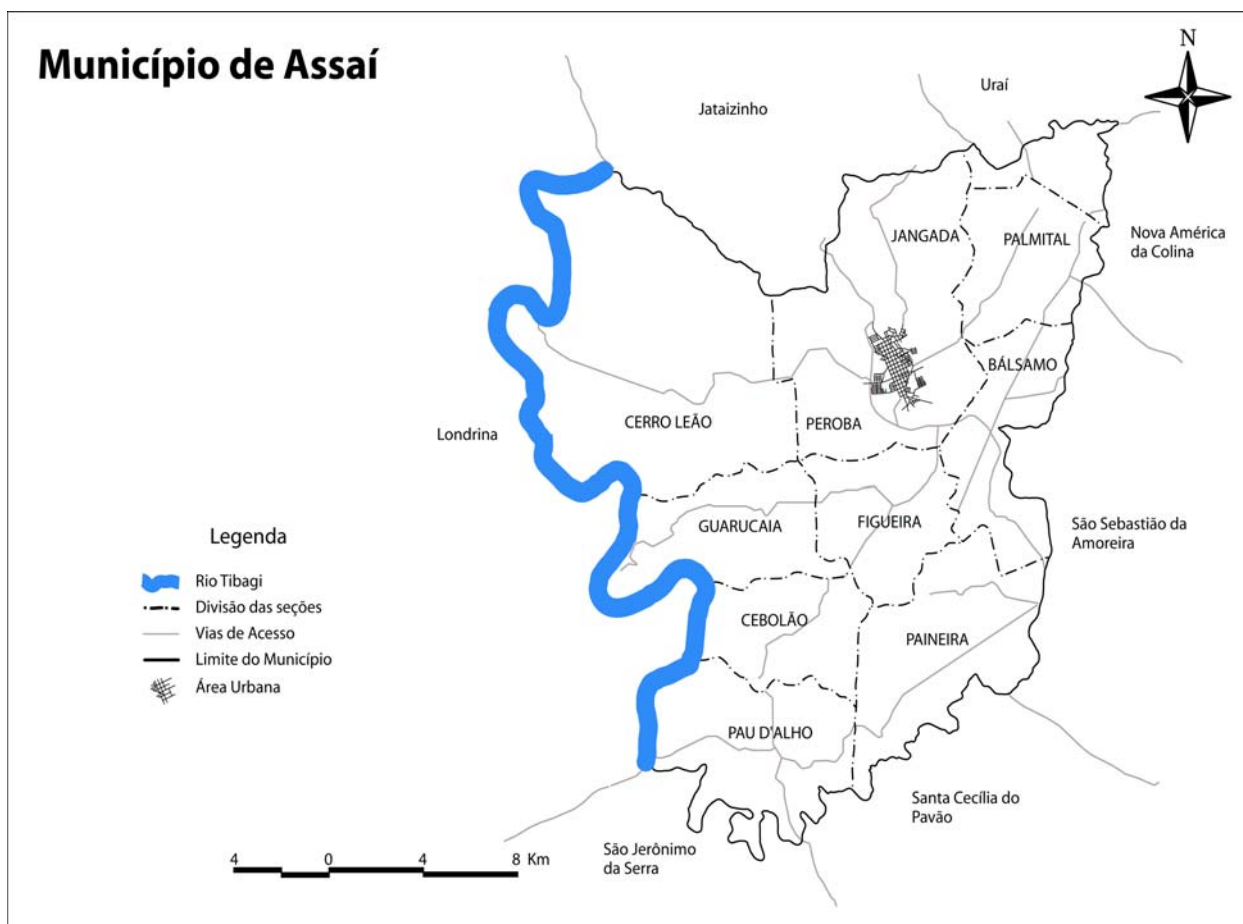
mura, receberam nomes de árvores, com poucas exceções. Os lotes variavam de dez a vinte alqueires, e as seções tinham entre 1.200 e 1.400 alqueires. Também Oguido (1988) diz que, os imigrantes japoneses foram chegando a Três Barras e se localizando em seções. Ao todo, fundaram 10 colônias distintas, considerando-se apenas a atual área territorial do município de Assaí, de 403 quilômetros quadrados. Mas, na verdade, criaram muito mais de dez seções, as quais posteriormente foram se desmembrando do município de Assaí e transformando-se em municípios independentes, sendo que fazem limites com o município. (Figuras 04 e 05).

Para compreender-se melhor faz se importante a citação abaixo:

As dezoito seções da ex-Colônia Três Barras, estão hoje, distribuídas nos seguintes municípios:

- ASSAÍ – Seções Bálamo, Central, Cebolão, Figueira, Jangada, Paineira, Palmital, Peroba, Guarucaia, (Timburi) Cerro Leão.
- SÃO SEBASTIÃO DA AMOREIRA – Amoreira, Cabiúna.
- SANTA CECILIA DO PAVÃO – Santa Cecília
- JATAIZINHO – Couro do Boi, São João, Jacutinga, Roseira.
- NOVA AMÉRICA DA COLINA – Cedro. (ASARI, 1992, p. 44).

**Figura 4** - Mapa - Mapa do município de Assaí-PR, representando as seções rurais que o compõe.



Fonte: Prefeitura Municipal de Assaí-PR/2005

**Figura 5** - Mapa – Seção Central (Assaí-PR) e seu sistema rodoviário atual.



**Fonte:** Prefeitura Municipal de Assaí-PR/2005.

São poucas as seções que não possuem nomes de árvores, como exemplo: Santa Cecília, São João, Couro do Boi, Jacutinga, mas todas foram fundadas por japoneses. Cada uma tinha seu líder, que participava de reuniões de interesse para a comunidade, reuniões de caráter social, econômico e político.

Segundo Oguido (1988, p. 139), a primeira Seção a ser criada na localidade de Três Barras foi a Central, em 1930 e a segunda, a Seção Peroba, dois anos depois. Em 1933, com a chegada de três famílias pioneiras, começaram a desmatar as áreas que haviam adquirido e fundaram a Seção Bálsamo, que cresceu muito, contando, já em 1938, 124 famílias de imigrantes japoneses.

Localizada na porção leste do município de Assaí, a Seção Palmital foi fundada em 1934, sendo a maior das seções, com 1.300 alqueires, a denominação Palmital deveu-se em virtude do grande número de árvores de palmito na mata que cobria suas terras.

No ano de 1934, doze famílias, de uma só vez, entraram na Seção Figueira, localizada a oito quilômetros de Assaí e ao sul do núcleo urbano. Já em 1935, o Sr. Tiyoji Fujita fundou a Seção Guarucaia. Essa Seção acabou recebendo muitos migrantes nordestinos, conforme dados colhidos através de entrevistas.

As Seções Cebolão e Jangada foram criadas em 1935, com a chegada de cinco famílias japonesas, para desbravar e cultivar suas terras. Ainda conforme relatado por Oguido (1988), as Seções Timburi (Cerro Leão) e Paineira foram fundadas em 1940, alcançando considerado nível de desenvolvimento.

Fundadas por japoneses, tais seções rurais eram dotadas de certa organização, possuindo escolas de língua japonesa, escola regular com ensino em língua portuguesa, associações de moças, moços, senhoras, homens. O esporte sempre foi muito valorizado desde o início e havia competições esportivas entre as colônias, prevalecendo até o presente ano.

A Companhia Colonizadora BRATAC, propiciou vários benefícios para os compradores de suas terras, a começar pela forma da venda dos lotes, facilitando o pagamento. Também a Companhia cedia terrenos para os que se interessavam em implantar comércio na parte urbana. Observe-se que já no ano de 1933, Assaí, possuía uma casa de comércio, açougue e hotel e nos anos posteriores foram surgindo, barbearia, padaria, sapataria, alfaiataria, cinemas. Havia o incentivo aos migrantes para a construção de casas de alvenaria, cobertas com telhas, mediante a isenção de impostos. Verificou-se que,

a companhia colonizadora buscava motivar os profissionais, que pudessem prestar serviços urbanos, para se estabelecerem no núcleo urbano nascente da Colônia Três Barras, oferecendo uma série de vantagens para tal empreitada. Com isto os 'colonos' que adquiriram os lotes tinham uma estrutura de serviços no núcleo urbano e a empresa colonizadora conseguiria atrair novos compradores, sabedores das condições favoráveis encontradas na Colônia. (ASARI, 1992, p. 24).

Agindo desta maneira, a BRATAC procurava tornar atrativa a aquisição de lotes em sua área de colonização e a propaganda dessas terras era elaborada de modo verdadeiro, pois se falava muito da fertilidade do solo, e os compradores puderam vivenciar essa situação, a exemplo do Sr. Akagui, citado por Oguido (1988, p.130).

#### 1.4 A SITUAÇÃO ATUAL DO MUNICÍPIO DE ASSAÍ.

Esse capítulo objetiva esclarecer o leitor para a atual situação do município de Assaí, quanto aos aspectos econômicos, sociais e populacionais, baseada em dados contidos no Plano diretor e publicações do gênero.

O Produto Interno Bruto (PIB) do município de Assaí está concentrado no setor de Serviços com 57,55%. O setor terciário possui um comércio diversificado, sendo desenvolvido principalmente na avenida Rio de Janeiro, contando com mercados, açougues, quitandas, bares, lanchonetes, restaurantes, sorveterias, lojas de tecidos e confecções, relojarias, alfaiataria, postos de gasolina, estabelecimentos de insumos agrícolas, jóias e relógios, farmácias, calçados, máquinas e implementos agrícolas.

As empresas de prestação de serviços são representadas pelas oficinas mecânicas, borracharias, fotógrafos, hotéis, cabeleireiros, escritórios de contabilidade, funerárias, alfaiataria. A cidade conta com cinco instituições financeiras: Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Itaú, HSBC e Bradesco.

Há uma expressiva expansão de dois setores de serviços na cidade: roupas, com a ampliação da loja local "Boanerge Magazine", que evoluiu na última década de uma simples loja de roupas para um espaço de 3.000 m<sup>2</sup> com a mesma estrutura de lojas de renome nacional; e o setor de móveis e eletro domésticos, que apesar da cidade contar com outras três lojas similares, uma loja local ampliou suas instalações e hoje conta com três unidades de venda na cidade, oferecendo além de móveis e eletrodomésticos comuns, projetos personalizados e móveis de luxo. Estas ampliações demonstram que as lojas não atendem somente a população local, mas também as demais cidades circunvizinhas.

A indústria está em segundo lugar com participação de 27,17% do PIB. Nas últimas décadas, a indústria metalúrgica e a têxtil ganharam posição de destaque no município, com incentivos do poder público. A tradicional metalúrgica Jumbo teve seu início justamente para conserto e manutenção das máquinas de processamento do algodão e hoje produz peças para várias empresas no segmento de siderurgia, mineração e energia. A empresa também produz treliça de elevadores para a multinacional suíça Atlas Schindler, essa fundada em Lucerne, Suíça por Robert Schindler, em 1874. No Brasil, atua desde 1918, com a instalação no bairro do Canindé, em São Paulo, de uma pequena oficina destinada à instalação

e manutenção de elevadores importados. Atualmente possui em São Paulo e em Londrina-PR suas filiais brasileiras (ATLAS SCHINDLER , 2010).

Com a instalação nos anos de 1990 da Atlas Schindler em Londrina, as suas subsidiárias a acompanharam, e Assaí venceu a “guerra fiscal” entre as cidades vizinhas; como os municípios de Ibiporã e Jataizinho são mais próximos de Londrina. Algumas dessas subsidiárias ocupam os antigos barracões utilizados para o armazenamento do algodão, da época em que Assaí era grande produtora de algodão. Tem-se como exemplo a Indústria e Comércio Assaimenka S.A e a Cooperativa Agrícola de Cotia, com seus antigos barracões ocupados por essas metalúrgicas.

Em virtude do aumento no fluxo de veículos e outros motivos, foi reordenado e organizado o sentido do trânsito na cidade, onde as principais ruas e avenidas da cidade passaram a ter orientação em um único sentido, similar às grandes cidades, além da instalação de um semáforo no “coração” da cidade.

Há uma grande circulação de pessoas originárias de outros municípios próximos, como Uraí, São Sebastião de Amoreira, Santa Cecília do Pavão, São Jerônimo da Serra e outros, em busca, sobretudo de produtos e serviços em bancos, no comércio e outros serviços.

Em relação a saúde, Assaí dispõe de um posto de atendimento do INSS, que atende os seus habitantes e os dos municípios vizinhos, evitando a necessidade de deslocamentos para à agência federal em Londrina ou Cornélio Procópio. Alguns serviços públicos, como Fórum, Detran e delegacia de polícia das cidades vizinhas são atendidos por Assaí, que também é sede da Comarca (incluindo São Sebastião da Amoreira e Nova América da Colina), além do que ocorreu a instalação de um aterro sanitário no município, resultado de um consórcio.

O município de Assaí possui uma empresa que industrializa e comercializa produtos à base de mel e própolis, a EVOMEL, implantada em 1995 e que recentemente estabeleceu uma parceria com os cantores Chitãozinho e Xororó para lançar os produtos no mercado nacional. Também há uma fábrica de macarrão (Pastifício Assaí), que desde 1953, é especializada principalmente na fabricação de macarrão tipo Somem e Udon, típicos da culinária japonesa e que têm alcance nacional, vendidos, sobretudo pela internet por sites especializados em comida japonesa. Outro negócio a ser considerado é um engenho que produz cachaça orgânica e sustentável, com padrões internacionais, apreciada regionalmente, tendo

sido já reconhecido por campanha institucional no exterior pela Embratur como um produto tipicamente brasileiro.

O setor de informação é representado por um jornal local, de circulação regional, duas emissoras de rádio (uma AM comercial e outra FM comunitária), além de dois sites.

Até então o centro da base econômica de Assaí, o setor agrícola hoje participa com 15,28% no PIB municipal, representado por um grande número de produtores rurais tradicionais (descendentes de japoneses e de nordestinos). Segundo o DERAL<sup>4</sup> os principais produtos agrícolas cultivados nos anos de 2008 e 2009 foram: cana-de-açúcar, soja, trigo, milho (safrinha), milho, mandioca, algodão, tomate (safrão), tomate (safrinha), alho, feijão das águas, arroz sequeiro, café beneficiado e arroz irrigado. (Quadro 01).

A cana-de-açúcar nos últimos anos tem ganhado espaço em Assaí, com o cultivo de 620 hectares, produzindo 58.900 mil de toneladas. Mas, a soja e o trigo são as culturas que mais se utilizam das áreas agricultáveis do município, ocupando 40.625 dos 43.800 hectares disponíveis, ou seja, 92% da área total.

Enquanto houve uma ligeira expansão no cultivo de cana-de-açúcar, observa-se uma retração no que se refere às lavouras de algodão – as quais motivaram a vinda dos imigrantes nordestinos, no período de 1930 a 1960 -, fazendo com que Assaí recebesse o título de “Capital do Ouro Branco”.

No entanto, diante da análise do quadro a seguir, percebe-se que a área cultivada de algodão é de 259 hectares, com a produção de 684 toneladas, o que não se compara com o desempenho de décadas passadas. Essa queda na produção e na área cultivada deve-se a vários fatores, os quais não farão parte da presente discussão.

---

<sup>4</sup> Dados fornecidos pelo DERAL – Departamento de Economia Rural – Cornélio Procópio-PR.

**Quadro 1** - Produtos agrícolas cultivados em Assaí – safra 2008 e 2009

<b>Culturas</b>	<b>Área cultivada (ha)</b>	<b>Produção (ton.)</b>
Cana de açúcar	620	58.900
Soja	24.125	47.840
Trigo	16.500	47.042
Milho (safrinha)	5.800	25.880
Milho	2.300	9.922
Mandioca	120	2.580
Algodão	259	684
Tomate (safrão)	10	400
Tomate (safrinha)	7	196
Alho	20	120
Feijão das águas	54	49
Arroz sequeiro	15	26
Café beneficiado	550	19 (saca por alqueire)
Arroz irrigado	03	12

**Fonte:** DERAL – Departamento de Economia Rural – Cornélio Procópio – PR/2009.  
Organização dos dados: Miriam Lopes Paulo

No município de Assaí, pratica-se também a sericicultura (bicho da seda), são ocupados 11,1 hectares, com a produção de 208 kg/ ha, totalizando de 2,3 toneladas.

O rebanho bovino assaiense está concentrado em 10.800 hectares com 10.281 cabeças. A criação tem a sua concentração no distrito de Pau D'Alho do Sul, onde o relevo é mais acidentado tornando-se difícil para produção agrícola.

O setor educacional assaiense conta com sete escolas municipais, duas estaduais com Ensino Fundamental e Médio. O Ensino Superior está instalado na cidade pelo sistema virtual, com dois pólos de educação à distância (EAD), um do projeto Universidade Aberta do Brasil (UAB), que atualmente oferece gratuitamente cursos superiores de Pedagogia, Física, Geografia, Administração Pública e História para estudantes de Assaí e municípios vizinhos, e o de educação à distância UNOPAR VIRTUAL, que também oferece cursos superiores de pedagogia, história e marketing a estudantes da região, além de salas de outros cursos superiores à distância (UNINTER/FACINTER e IEPE).

O presente momento é considerado pelo prefeito municipal Sr. Michel Angelo Bomtempo, como ímpar na história assaiense, pois Assaí tem muitos de seus moradores trabalhando como dekasseguis no Japão e essa população não é contada pelo IBGE, ficando o município com um desfalque financeiro muito significativo. Com população menor, o município tem reduzido seu percentual do FPM (Fundo de Participação) repassado pelo governo federal.

Com a atual crise econômica vivenciada pelos países, o Japão despediu muitos de seus trabalhadores, entre os quais brasileiros de Assaí. Nos últimos seis meses, Assaí recebeu mais de setecentos dekasseguis, entre eles crianças nascidas no Japão que não sabem falar o idioma português.

À vista desta situação a Prefeitura tem realizado trabalhos conjuntos com o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) visando dar um preparo maior àqueles que retornaram e que pretendem abrir “negócio próprio”, a partir do Programa Dekassegui Empreendedor. Ao mesmo tempo, as escolas assaienses tem dado atenção especial aos alunos que retornaram do Japão, auxiliando-os na adaptação, na compreensão da língua portuguesa.

#### 1.5 O DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA DO MUNICÍPIO DE ASSAÍ.

O presente item trata do desenvolvimento que o município de Assaí alcançou em décadas passadas, considerando a sua elevada produção agrícola em relação ao café e ao algodão.

O Norte do Paraná foi ocupado basicamente através das ações das Companhias de Colonização particulares e estatais, as quais objetivavam principalmente o desenvolvimento da agricultura. É nessa área que a cultura do café destaca-se mundialmente, pois atingiu elevados índices de produção.

Segundo Padis (1981) devido à forma e a rapidez da ocupação da região norte do Paraná, não constitui nenhum exagero se afirmar que a história da ocupação dessa extensa área confunde-se com a evolução da economia cafeeira.

Com a crise mundial do café procuraram alternativas, e neste espaço o algodão é introduzido no estado do Paraná, mais especificamente na sua porção Norte.

O plantio do café no estado do Paraná iniciou-se nos anos vinte do século XX. Até os fins da Segunda Guerra Mundial, o seu desenvolvimento foi pouco expressivo, se comparado com a produção do restante do Brasil. Mas nos anos de 1950, a produção do café no Norte do Paraná ganhou destaque nacional. A citação a seguir expressa este fato:

É só a partir da segunda metade do quinto decênio do século, que o café nesse Estado começará a crescer de forma acelerada para, em pouco mais de uma década de um lado, fazer dele o maior produtor do País e, por outro, tornar-se o principal gerador da capacidade nacional de importar. Mas, se é verdade que em menos de meio século, o Paraná passa, de uma produção de cerca de 0,4 por cento para perto de 60 por cento do total do café produzido no País... (PADIS, 1981, p. 113).

No ano de 1952, os cinco municípios que mais produziam café se localizavam no Norte do Paraná, entre os quais está Assaí.

Vejamos abaixo:

os cinco primeiros municípios na produção cafeeira do Brasil são do Norte do Paraná (1952): Bela Vista do Paraíso (2.200.000 arrobas), Apucarana (1.500.000 arrobas), Cornélio Procópio (1.457.000 arrobas), Assaí (1.500.000 arrobas) e Mandaguari (1.200.000 arrobas), que somam o respeitável total de 7.682.300 arrobas. (MÜLLER, 1956, p. 58)

Quanto ao algodão, este passou por uma crise internacional no ano de 1932, criando então condições para que os colonos recém-instalados desenvolvessem a cultura dessa fibra que, na época, apresentava ao Brasil excelentes condições.

A cotonicultura foi introduzida no Paraná por volta de 1930, por influência de São Paulo, quando foram instaladas as primeiras lavouras de algodão nos municípios de Sengés, Jaguariaiva, Joaquim Távora, Carlópolis, Siqueira Campos e Venceslau Braz. Mas o grande destaque ocorreu no ano de 1934, com a colonização empreendida pela Bratac na Fazenda Três Barras (Assaí). O clima favorável e o solo fértil propiciaram a produção do algodão e esse se tornou o principal produto agrícola de Assaí por décadas. (MÜLLER, 1956).

O cultivo do algodão nesse período estudado é notadamente desenvolvido em pequenas áreas, fator positivo para a Bratac, pois a Fazenda Três Barras foi parcelada em pequenos lotes, com tamanho médio de 10 alqueires.

O algodão expandiu-se muito no município de Assaí, já em meados dos anos trinta, sendo anteriormente produto de destaque no estado de São Paulo e o Paraná foi uma extensão desse estado. A própria colonizadora – a Bratac - tinha como objetivo a implantação dessa cultura, a fim de suprir as necessidades da indústria de tecelagem do Japão.

O algodão é um produto que deve ser colhido após sua maturação, pois ao contrário ocorre uma depreciação quanto à qualidade. Sendo assim, há uma grande absorção de mão-de-obra num período relativamente curto.

O município de Assaí foi um dos pioneiros na introdução da cotonicultura no Paraná, obtendo bons resultados na sua implantação. Com temperaturas médias acima de 22° C, precipitações de 1.500 mm anuais, solos férteis, esta região atendia às exigências climáticas e edáficas para o bom desenvolvimento da cultura do algodão.

Segundo Oguido (1988), no ano de 1935, Assaí já contava com 200 famílias residindo na localidade, e o algodão era a principal cultura, da qual elas tiravam o seu sustento até que o café começasse a produzir. Entre os pés de café e algodão, os agricultores plantavam feijão, para consumo próprio, vendendo o excedente para terceiros, de forma a custear outras plantações.

No mês de agosto do mesmo ano, foi realizada a primeira feira agrícola da localidade, ocasião em que 217 agricultores expuseram seus produtos. Posteriormente, ocorreu em Curitiba a exposição do Algodão, e 11 agricultores de Assaí receberam medalha de ouro pela quantidade de produto exposto.

Oguido (1988, p. 130) relata que:

Uma experiência feita pelo agricultor Heiju Akagui, que plantou algodão em 1934, foi o impulso que faltava para que a comunidade atingisse seu pleno desenvolvimento. Ele colheu 360 arrobas de algodão por alqueire e o fato ganhou dimensões inimagináveis. Para se ter uma idéia do que essa safra representou, basta dizer que até então a Companhia havia vendido apenas 213 alqueires de terra e, a partir da safra de Akagui, chegou ao final de 34 com 2.140 alqueires vendidos.

A cotonicultura expandiu-se no Paraná e na década de 1960 já era uma das principais culturas, abrangendo praticamente todo norte do estado. Entretanto, na década de 1970 o Paraná, assim como todo o centro sul brasileiro vivenciou transformações na sua estrutura agrária, pela modernização do campo, apoiada pela política governamental. Assim, o algodão perdeu área para as novas culturas que foram introduzidas, principalmente pela soja. Esta transformação expulsou a cotonicultura para outras áreas desfavoráveis à mecanização e, com ela, os pequenos produtores que desenvolveriam essa atividade.

Observe-se que o algodão é uma cultura que ainda exige a colheita manual, necessitando de um grande contingente de mão-de-obra. Nesse caso, no município de Assaí, o produtor sempre contou com um grande número de pessoas disponíveis para tal atividade, principalmente a mão-de-obra migrante nordestina.

No ano de 1985, LEITZKE, ao realizar um trabalho referente à cotonicultura assaiense, percebeu a grande presença de nordestinos na Seção de Pau D'Alho do Sul, como cita a seguir:

A etnia predominante em Assaí desde a sua colonização sempre foi a japonesa, mas atualmente se verificou que em algumas comunidades como Pau D'Alho do Sul, predomina a população de origem nordestina. (LEITZKE, 1985, p. 44).

Em outro trabalho pode-se perceber também a forte presença nordestina nesse distrito. Segundo Asari (1992), o Distrito apresenta o menor percentual de japoneses e descendentes, mostrando que, dos 131 lotes existentes na Seção Pau D'Alho do Sul, apenas 12% pertenciam a japoneses e descendentes.

O Distrito de Pau D'Alho do Sul faz parte das seções (bairros rurais), pertencentes ao município de Assaí, à época da administração da Companhia de Colonização de Três Barras. Segundo dados do censo de 2000, o distrito conta com uma população total de 803 habitantes, sendo 427 na área urbana e 376 na área rural, localizando-se a 23 km da sede urbana.

Ainda Leitzke (1985, p. 44), comenta que o governo japonês além de ter apoiado a imigração estrangeira para amenizar o problema da superpopulação agrícola no Japão, teve o intuito “de produzir algodão para suprir as necessidades de matéria-prima enfrentadas pelo Japão neste ramo da industrialização”.

Pode-se afirmar então que Assaí foi fundada com o objetivo de desenvolver a cotonicultura. Nos primeiros anos de sua fundação, os japoneses relutaram quanto ao plantio do algodão, preferiram o café, pois já era tradição no estado de São Paulo, mas a BRATAC não lhes concedia o apoio. Aos poucos eles foram aderindo à plantação do algodão, com a cotonicultura assumindo posição de destaque e exercendo por décadas a liderança sobre outras culturas.

Em virtude da sua elevada produção de algodão, o município de Assaí, alcançou destaque nacional, sendo considerado por décadas a “Capital do Ouro Branco”. Como já visto anteriormente, seus agricultores receberam medalhas na capital paranaense – Curitiba – pela excepcional produção de suas lavouras.

Em 1972, foi instalado no município de Cornélio Procópio o Departamento de Economia Rural – DERAL, mas somente a partir de 1978 o novo órgão começou a atuar na localidade, coletando informações sobre as safras agrícolas.

Assim, em relação à área plantada e produção em toneladas de algodão no município de ASSAÍ-PR, não há dados disponíveis pelo DERAL quanto ao período entre 1930 e 1970, restando então apenas a análise a partir de 1980 até a presente data, 2009. (Quadro 02).

**Quadro 2.** Produção do algodão – Município de Assaí – PR.

Ano	Área (ha)	Produção (ton.)
1980 -1981	18.000	30.700
1981-1982	20.000	43.380
1982-1983	22.000	40.793
1983-1984	18.700	28.985
1984-1985	22.000	40.078
1985-1986	17.000	36.890
1986-1987	15.000	25.050
1987-1988	15.000	29.100
1988-1989	12.000	26.040
1989-1990	12.600	18.900
1990-1991	13.000	16.120
1991-1992	14.000	16.478
1992-1993	630	378
1993-1994	2000	2480
1994-1995	5.500	9.185
1995-1996	2000	2860
1996-1997	200	335
1997-1998	400	560
1998-1999	40	74
2000-2001	250	560
2001-2002	50	112
2002-2003	50	125
2003-2004	260	650
2004-2005	400	640
2005-2006	20	35
2006-2007	370	918
2007-2008	380	1083
2008-2009	259	684

**Fonte:** Departamento de Economia Rural – DERAL - Cornélio Procópio – PR/ 2009

Organização dos dados: Miriam Lopes Paulo

Através da análise do quadro 02, percebe-se que em 1980 e 1981, a área cultivada de algodão no município era de 18.000 hectares, com produção de 30.700 toneladas. Comparado com o ano anterior, em 1982, houve um aumento de dois mil hectares plantados, totalizando 20.000 hectares e produção de 43.380 toneladas de algodão. Entre 1982 e 1983, ocorreu também semelhante aumento, passando para 22.000 hectares de área plantada, mas a produção diminuiu para 40.793 toneladas.

A área plantada sofreu redução de 4.000 hectares entre 1983 e 1984, ocorrendo assim diminuição na produção, que foi de 28.985 toneladas. Porém na safra 1984 e 1985, esse decréscimo foi recuperado, quando se plantou 22.000 hectares de algodão, com a colheita de 40.078 toneladas.

A partir de 1985 até 1992, a área plantada e a produção do algodão tiveram gradativa diminuição, fazendo com que os 22.000 hectares plantados fossem reduzidos a 14.000 hectares naquele período.

Declarações de alguns nordestinos entrevistados quanto aos anos em que possivelmente a produção tendeu a uma diminuição comprovam os dados do quadro.

***“...nos anos 80 foi acabando”***

Antonio Alves de Menezes, 79 anos, natural de Aquidabã-SE.

***“...1987 começa a diminuir”.***

José Manoel da Silva, 73 anos, natural de Jupi-PE.

A produção do algodão oscilou muito nesses anos. Na safra de 1985 e 1986, foram colhidas 36.890 toneladas de algodão. Porém, no ano seguinte, a queda foi brusca, representando 25.050 toneladas. O decréscimo se acentuou ano a ano, com menor área plantada, e conseqüentemente menor produção; essa diminuição fez com que, em 1991 e 1992, fossem colhidas 16.478 toneladas de algodão.

A partir da década de noventa percebe-se ainda, com base no quadro 02, a diminuição vertiginosa da área plantada e da produção do algodão. Observa-se que a queda se processa ano a ano, nada se comparando à década de

1980, em que a produção do algodão era muito expressiva. Nas safras de 1998 e 1999, somente 40 hectares foram plantados, e colhidos 74 toneladas.

O ano de 2000 começou com 250 hectares plantados. Entre 2001 e 2003, houve a redução para 50 hectares plantados. Na safra de 2003 e 2004 houve um aumento da área plantada, 260 hectares, sendo colhidas 650 toneladas. Na safra de 2004 e 2005, a área plantada quase dobrou, de 400 hectares, representando 640 toneladas colhidas.

Na safra de 2005 e 2006 houve o menor plantio já registrado, apenas 20 hectares, com a produção de 35 toneladas. Já na safra de 2006 e 2007 foram plantados 370 hectares e colhidos 918 toneladas. No ano seguinte, 2008, foram plantados 380 alqueires e colhidos 1083 toneladas de algodão.

Conforme dados de 2009, o município de Assaí conta apenas com seis agricultores<sup>5</sup> que plantam algodão: o Sr. Sergio Tatsuji Watanabe (com 15 alqueires); o Sr. Orlando Sakuma (18 alqueires); o Sr. Lauro S. Tanno (23 alqueires); o Sr. Edson Ken Iti Ikeda (8 alqueires); o Sr. Cairo Koguishii (22 alqueires) e Sr. Lauro Okamura (com 17 alqueires plantados), totalizando 103 alqueires de área plantada.

Os dados analisados permitem visualizar a trajetória da produção de algodão em Assaí, no período de três décadas, compilado pelo DERAL. A cotonicultura foi de grande importância para o município e também para os migrantes nordestinos que para cá se dirigiram, para trabalhar na colheita do algodão e se estabeleceram no município. No item a seguir tratar-se-á, de forma sucinta, sobre a região Nordeste e os nordestinos que vivenciaram as migrações internas em direção ao norte do Paraná.

---

<sup>5</sup> Esses dados foram fornecidos pelo Sr. Josevaldo de Oliveira da Cooperativa Central de Algodão – COCEAL, no dia 03/08/09.

## 2 O NORDESTE BRASILEIRO E AS MIGRAÇÕES INTERNAS

A região Nordeste apresenta o maior número de estados brasileiros, são nove no total: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte (incluindo a Reserva Biológica Marinha do Atol das Rocas), Paraíba, Sergipe, Pernambuco (incluindo Fernando de Noronha e o Arquipélago de São Pedro e São Paulo), Maranhão, Alagoas, Bahia.

A Região Nordeste é a segunda região brasileira em contingente populacional, com 53.591.197 habitantes. A região apresenta o maior percentual de famílias pobres do país, maior percentual de população rural, maiores taxas de analfabetismo, 24,6%, de mortalidade infantil e de fecundidade, além das menores esperança de vida ao nascer e grau de urbanização. A concentração urbana passou de 60,6%, em 1991, para 69,1%, em 2003. Mesmo com tais índices, o Nordeste possui uma das taxas mais baixas do país, cujo grau de urbanização é de 81, 2%. (CAMARANO et al., 2000).

Segundo o IBGE, a sua área é de 1554 257,0 km<sup>2</sup>. A região Nordeste possuía, em 2003, uma população de 49.352.225 habitantes, perdendo apenas para o região Sudeste, em termos populacionais. É a região que apresenta os piores indicadores sociais brasileiros, conforme mostra o quadro abaixo.

**Quadro 3.** IDH, Analfabetismo e Mortalidade Infantil das Regiões Brasileiras.

REGIÕES	IDH (1996)	ANALFABETISMO (%o – 2000)	Mortalidade Infantil (%o -2000)
Norte	0,72	15,6	28,6
<b>Nordeste</b>	<b>0,60</b>	<b>24,6</b>	<b>43,0</b>
Centro – Oeste	0,84	9,7	21,0
Sudeste	0,85	7,5	20,7
Sul	0,86	7,0	18,4

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.  
Organização dos dados: Miriam Lopes Paulo

Da observação do quadro acima conclui-se que a região Nordeste conta com os piores índices: um IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) médio, de 0,60; e um percentual elevado, de 24,6%, em relação ao analfabetismo, em comparação com outras regiões brasileiras (de 7%, no Sul, e 7,5%, no Sudeste, por

exemplo). Só a região Norte, com 15,6%, aproxima-se mais do índice registrado no Nordeste, com os 24,6%.de analfabetismo.

A mortalidade infantil da região Nordeste é elevadíssima, apresentando os maior índice do país. Naquela região, de cada mil crianças nascidas vivas, 43% delas morrem antes de completar um ano. Segundo Camarano et al. (2000), na década de 1970, os níveis de mortalidade do Nordeste eram comparados aos países mais pobres das Américas: Bolívia e Haiti. Isso deve-se principalmente à falta de saneamento básico, à falta de hospitais adequados, a assistência médica deficiente na região e inúmeros outros fatores de cunho social.

Em relação ao quadro natural, o Polígono das Secas – que abrange todo o Sertão, quase todo o Agreste e parte do norte de Minas Gerais - apresenta um clima tropical semi-árido. É o clima brasileiro com o menor índice pluviométrico anual, o que causa o problema da estiagem e a má distribuição das chuvas, concentradas em alguns meses do ano. O índice de chuvas anuais chega às vezes a ser inferior a 500 mm. As médias térmicas anuais e as temperaturas são elevadas. O cenário apresentado tem se mostrado favorável aos deslocamentos populacionais, na busca de melhores condições de vida, como será visto a seguir.

## 2.1 A POPULAÇÃO NORDESTINA E A SUA TRAJETÓRIA MIGRATÓRIA

Por décadas, a região Nordeste foi uma grande área de expulsão populacional. Os motivos são os mais diversos, e, segundo os entrevistados do presente trabalho, a fome e a seca foram primordiais quando eles decidiram migrar.

Percebe-se este fato em alguns relatos desses migrantes:

***“Pelo lugar ser difícil, plantavam e não colhiam, chovia um ano e ficava dois, três anos sem chover, meus pais saíam para trabalhar fora nas usinas de cana”.***

Maria Conceição da Cunha – Cachoeirinha - PE

***“Eu morava no sítio, trabalhava desde os seis anos, lá era seis meses se chuva e seis de seca, fazia a safra e guardava a comida, mas mesmo assim, faltava comida”.***

Maria Gomes de Almeida – Limoeiro – PE

Observa-se que, durante muito tempo, a questão dos movimentos internos da população nordestina foi vista apenas como uma consequência da “fatalidade” das secas que periodicamente assolam a área conhecida como polígono das secas. (MARTINS; VANALLI, 1994, p. 11). Os migrantes nordestinos vêem o problema do Nordeste e a migração imposta a eles, quase sempre, referindo-se à falta de chuva, a seca e, conseqüentemente, a fome.

Sabe-se que o homem é detentor de tecnologias capazes de conter o avanço das secas. Mesmo áreas extremamente inóspitas são capazes de se tornar produtivas, isso é claro e evidente no Brasil, pois em algumas regiões do Nordeste, essa já é uma realidade. Algumas organizações de cunho governamental e até mesmo igrejas católicas e protestantes tem auxiliado a população nordestina a ter um padrão de vida melhor, a obter o sustento da sua pequena propriedade rural, sem precisar migrar.

Mas, salienta-se que essas ações no Nordeste brasileiro são mínimas, quanto ao tamanho do problema, e há também uma “mascaração” governamental quanto às tomadas de atitudes, pois se inicia um programa de ajuda, o qual não se conclui, ficando a população à mercê da fome e da falta de água.

É preferível ficar e se adaptar às dificuldades quando as pessoas têm um bom padrão de vida, emprego, alimentação, salários decentes, mas isso não ocorre no Nordeste. A seca ainda é motivo de fuga para o nordestino pobre que não tem ferramentas para lutar contra ela, sendo levado a migrar para outras regiões do país.

Martins e Vanalli (1994) referem-se à questão do Nordeste como um problema da região como um todo e não apenas do Sertão. Sabe-se também que esse mesmo problema não é apenas de ordem natural, mas principalmente social, abarcando todo o país, e chama-se terra. A estrutura fundiária que caracterizou o Brasil desde a sua colonização é o principal fator pelo qual há séculos vem fazendo a migração interna ser uma constante.

Neste trabalho, municípios do estado de Pernambuco compõem a maioria dos entrevistados e, entre os municípios de destaque, Garanhuns, apresentou aspectos geográficos atípicos, como: clima, relevo, vegetação, população, economia. Mas, foi justamente esse o município que forneceu maior número de migrantes para o município em foco. (Tabela 01).

**Tabela 1 – Naturalidade dos entrevistados**

<b>1. Estado de Pernambuco</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Garanhuns	17	35,4
Limoeiro	09	20,0
Jupi	02	4,4
Cachoeirinha	02	4,4
Cupira	01	2,2
Flores	05	11,1
Triunfo	02	4,4
Jericó	02	4,4
Caruaru	02	4,4
Passira	02	4,4
São José do Egito	01	2,2
São Bento do Una	01	2,2
Volta do Rio São João	01	2,2
Angelin	01	2,2
<b>Sub – total</b>	<b>48</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa “in loco”. Jan/2009.

Foram entrevistados 60 migrantes, sendo que 48 são oriundos do estado de Pernambuco e destes, 17 são do município de Garanhuns, perfazendo um total de 35,4%.

Lima (2009) ao descrever sobre seu município diz ser Garanhuns uma reserva hidromineral de enorme potencial, cercada de fontes de água mineral, uma das mais importantes estâncias climáticas do Nordeste, que a fez ficar conhecida como Terra da Garoa, Cidade das Flores e Suíça Pernambucana.

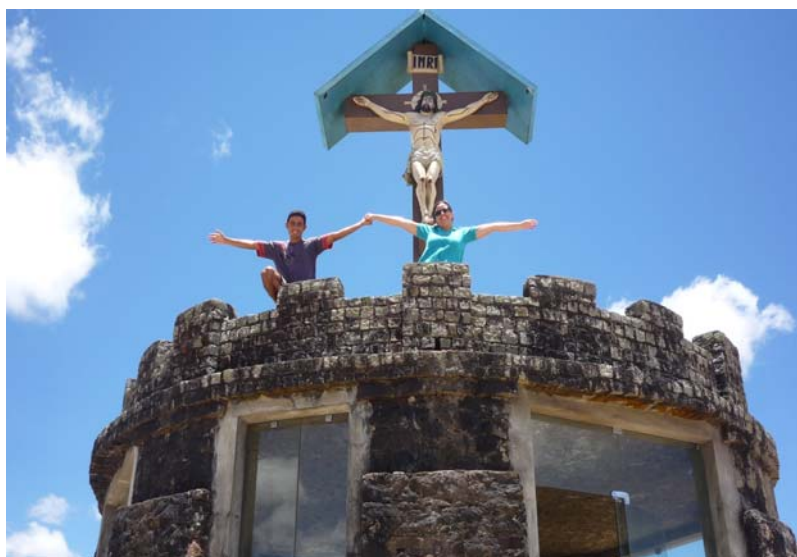
O município de Garanhuns está localizado a sudeste do estado de Pernambuco no agreste meridional, sobre as Escarpas do Planalto da Borborema, com 930 metros de altitude, apresentando 1.030 metros o ponto mais alto do município. Esses pontos altos são um total de sete, denominado popularmente como colinas de Garanhuns. Distante apenas 228 km da capital, Garanhuns tem um clima diferente das demais cidades. (Fotos 05 e 06).

**Foto 5** - Alto do Magano, ponto mais alto do município, apresenta uma altitude de 1030 metros.



**Fonte:** Aécio Neves, aluno do terceiro ano do curso de Geografia, da Universidade de Pernambuco, Garanhuns-PE.

**Foto 6** - Alto do Magano. Observe-se o contraste com a foto anterior, visto que ela foi tirada em um mês do inverno.



**Fonte:** Elza Miranda, Garanhuns-PE, outubro de 2009.

Analisando todos esses detalhes e aspectos geográficos do município de Garanhuns, tem-se a seguinte indagação: considerando que o município apresenta chuvas regulares, temperatura agradável com uma média anual de 20,4°C, por que seus habitantes migraram em massa? Por que, ainda na atualidade, a população tende ainda à migração?

Por ocasião das entrevistas com munícipes de Assaí, na condição de migrantes de Garanhuns/PE, nenhum deles relatou problemas referente à seca, mas, subjetivamente, em certo momento do diálogo alguns fizeram menção a terra. Através da análise desses discursos, pode-se aprofundar mais na questão:

***“Morava no sítio com a madrinha, vivia uma vida de fartura”.***

Maria Davi de Moraes Sato, Garanhuns-PE.

***“Naquela época era bom, a agricultura”.***

Luiz Bizarria da Silva, Garanhuns-PE.

***“A vida era boa, mas pobre, a gente morava na zona rural, na Zona da Mata”.***

Zequias Rufino da Silva, Garanhuns-PE.

***“Eu morei dezoito anos lá, na zona rural, plantando milho, feijão, criando gado”.***

Maria de Lourdes Barros da Silva, Garanhuns-PE.

***“Trabalhava na roça, plantando milho, feijão, mandioca, mas era muito seco”.***

Valdemar Miguel de Oliveira, Garanhuns-PE.

***“A vida era muito sofrida, meu pai andava 11 léguas para chegar na usina para trabalhar.”***

José Valdivino Filho, Garanhuns-PE.

***“Eu morava no sítio, plantava feijão arroz”.***

Aurenice Cordeiro de Amorim, Garanhuns-PE.

Singer (1998, p. 37), afirma que são dois os fatores que podem explicar o porquê das pessoas migrarem, o primeiro é o fator de mudança e o segundo o de estagnação. Vejamos:

Os fatores de expulsão que levam às migrações são de duas ordens: (a) fatores de mudança, que decorrem da introdução de relações de produção capitalista nestas áreas, a qual acarreta a expropriação de camponeses, a expulsão de agregados, parceiros e outros agricultores não proprietários, tendo como objetivo o aumento da produtividade do trabalho e a conseqüente redução do nível de emprego (...); (b) os fatores de estagnação, que se manifestam sob a forma de uma crescente pressão populacional sobre uma disponibilidade de áreas cultivadas que pode ser limitada tanto pela insuficiência física de terra aproveitável como pela monopolização de grande parte da mesma pelos grandes proprietários (o agreste no Nordeste brasileiro, as comunidades indígenas nos Andes peruanos e colombianos).

Os fatores de mudança são muitos, verificado, em tempos passados, através da saída desses trabalhadores em pau-de-arara, deixando sua pequena propriedade, na condição de dono ou mesmo empregado. A mudança de local de residência foi motivada pelo sonho de ganhar dinheiro e ter melhoria de vida. A mesma situação, quanto ao movimento migratório, acontece também em tempos atuais, pois a maior parte desses migrantes nordestinos hoje, mora na zona urbana assaiense. Aquele que conseguiu ser proprietário de terra apresenta melhores condições de vida, outros que ficaram como empregados foram vivenciando gradativamente o êxodo rural, em virtude das transformações das formas de trabalho tidas como boas no início da chegada, tais como: de agregados, parceiros, meeiros.

Segundo Singer (1998), quanto aos fatores de estagnação, é muito perceptível no Nordeste brasileiro que se manifesta sob a forma de uma crescente pressão populacional sobre uma disponibilidade de áreas cultivadas. Ainda Rodrigues (2009), afirma que esses fatores podem ser considerados como “propulsores” e “regressivos”. Os propulsores levam o progresso e o desenvolvimento de uma região, para novas áreas, enquanto os regressivos esvaziam outras áreas, causando um desnível regional em toda a nação.

O fator que provoca a migração interna é o desenvolvimento capitalista, e esse se processa de modo diferente de região para região. Martins e Vanalli (1994) comentam que o “jeitinho capitalista” de produzir riquezas e misérias é que fez e faz tanta gente brasileira ou estrangeira andar de um lado para outro, buscando terra ou emprego, que lhes são negados em seus rincões natais, ou seja, as migrações sempre se orientam para aquelas regiões onde o capital está mais concentrado.

Nesse caso específico que é o de interesse da pesquisa, ou seja, a região Nordeste é caracterizada, por muitos autores, como área de expulsão populacional. Menezes e Gonçalves (1986, p. 36), consideram que, o que tem ocasionado o êxodo não é tanto a seca, mas, sobretudo a cerca, pois é uma região que sofre o avanço da pecuária, onde o boi substitui o homem, sendo também afetada pelo surto da cana-de-açúcar, estimulado pelo Pró-Álcool e finalmente, os projetos governamentais de combate à seca acabaram desalojando um número maior de famílias do que as que conseguem se fixar na terra.

Martine (1984, apud Menezes e Gonçalves, 1986, p. 21), afirma que a migração nas últimas décadas anteriores a 1970, apresenta quatro características fundamentais:

- 1º expulsão das áreas tradicionais de migração: Nordeste, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Santa Catarina.
- 2º Migração para o núcleo industrial São Paulo – Rio de Janeiro, a partir de 1930.
- 3º Migração para a fronteira consolidada: Paraná, Maranhão, Goiás e Mato Grosso do Sul – nas décadas de 40, 50 e 60.
- 4º Migração para a fronteira em expansão: são as áreas de ocupação mais recente, composta pela região Norte, como um todo, e o Estado de Mato Grosso – década de 70.

Nas décadas de 1950 e 1960, as migrações internas ocorreram do Nordeste para o Centro-Oeste, para o estado do Paraná e para o eixo-industrial Rio de Janeiro e São Paulo. Os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina também tiveram muitos moradores seus migrando para o estado do Paraná e Mato Grosso do Sul.

Nas décadas de 1960 e 1970, o fluxo migratório se assemelha ao da década passada. A região Nordeste passa também a enviar migrantes para o Distrito Federal, tendo em vista a construção e inauguração de Brasília. E, muitos moradores da região Sul migraram para o estado do Mato Grosso.

Nos anos de 1970 e 1980, os estados como Paraná, Goiás, Mato Grosso do Sul trocam seu papel de áreas receptoras e passam a expulsar migrantes, portanto há uma inversão do movimento migratório, como salientam Menezes e Gonçalves (1986, p. 24):

Nesse período, destacam-se três fluxos migratórios: 1) ocupação da fronteira agrícola: da região Sul, Centro – Oeste e Sudeste em direção à região Norte, e ao estado de Mato Grosso; 2) migração para o núcleo industrial: continua o fluxo tradicional proveniente de Minas Gerais e do Nordeste, acrescido da migração do estado do Paraná, sobretudo para São Paulo; 3) migração de fronteira: fluxo que parte do Paraná e se dirige ao Paraguai; são, contudo, migrantes originários do Nordeste, de Minas Gerais, do Rio Grande do sul e Santa Catarina.

Note-se que a migração intra-regional é aquela praticada dentro da própria região. Essa é muito comum na região Nordeste, pois muitas pessoas saem do interior de seus estados e migram para as cidades maiores, como para as capitais: Recife, Salvador, Fortaleza. Também há o caso daqueles nordestinos que saem do Agreste e do Sertão e vão em busca de trabalho na Zona da Mata.

Bem verdade, muitos são os motivos pelos quais as populações saem do seu lugar de origem em busca de outras cidades, regiões e países para morarem. Entre tantos, pode-se citar: perseguições políticas e religiosas, catástrofes naturais, mas o principal deles é o fator econômico, ou seja, a busca de um sustento e melhoria para a sua vida. E essa pesquisa comprova tal fato.

O período estudado compreende a década de 1930, com a colonização do município de Assaí, a chegada dos migrantes japoneses e posteriormente a vinda em massa dos migrantes nordestinos. Observa-se que a seca e a fome foram os principais motivos de fuga para o nordestino pobre que não tinha condições de lutar contra ela, sendo levado a outras regiões do país.

No item a seguir, analisar-se-á as migrações internas, a partir de estudos realizados por cientistas sociais, que se constituem em subsídios para a explicação dos dados coletados na pesquisa de campo.

## 2.2 SUBSÍDIOS PARA ENTENDER AS MIGRAÇÕES INTERNAS

Este item tem como objetivo analisar as migrações internas buscando compreender as razões pelas quais os contingentes humanos se deslocam, seja por motivações individuais ou por condicionantes coletivos.

Considera-se que o homem é o agente propulsor de todos os fenômenos que ocorrem na superfície terrestre, modificando e transformando o meio em que vive para satisfazer as suas necessidades. O estudo da população é muito importante, tendo em vista a tamanha mobilidade do homem, desde os seus

primórdios. Mas, a institucionalização da ciência demográfica é recente. Szmrecsányi (1999) considera que a Demografia reconhecida como ciência se deu somente no início do século XIX, apesar da antiguidade do interesse teórico pelos fenômenos vinculados aos diversos componentes da dinâmica populacional.

Essa recente sistematização dos estudos populacionais deve-se em boa parte à inexistência até então de dados e informações de qualidade satisfatória em quantidades suficientes para a formulação de dados exatos e confiáveis. A partir do século XIX, expandiram-se por toda a Europa os recenseamentos periódicos e a difusão da coleta e sistematização de estatísticas vitais com base nos dados do Registro Civil.

Szmrecsányi (1999) coloca que a intensificação e o aprofundamento desse progresso foram os principais fatores responsáveis pelo status da Demografia como ciência. Esta se traduziu no surgimento de uma nova disciplina, autônoma e diferenciada, no âmbito das ciências sociais.

Percebe-se a importância desses processos pelo qual passou a humanidade e as etapas da sistematização dessa ciência, desde as primeiras coletas, as novas descobertas, até os novos cálculos encontrados para calcular a fecundidade, a mortalidade, as migrações e outros indicadores cabíveis a essa ciência. Observa-se que os parágrafos acima são apenas informações julgadas pertinentes, tendo em vista que esse trabalho abarca um estudo de população.

Quanto às migrações, os movimentos populacionais são uma constante na história do homem na superfície terrestre. É importante notar que o homem nunca esteve circunscrito apenas a uma localidade, sendo que a necessidade de satisfação das suas necessidades momentâneas ou futuras tem provocado o deslocamento. Este pode ser de caráter local, nacional e internacional.

Vários são os motivos que obrigam as pessoas a saírem de seus lugares de origem. Temos exemplos a todo o momento – os judeus e as perseguições que sofreram, obrigando-os a fugir; perseguições políticas que muitos brasileiros sofreram por ocasião da revolução de 1964, condenando-os ao exílio. Muitos indivíduos deixam seus lugares devido à constante ameaça de terremotos, vulcões, maremotos ou outras causas naturais.

O termo migração sempre esteve presente desde o início da colonização do Brasil, pois com a chegada dos povos europeus, os nativos índios brasileiros, tiveram que migrar para o interior do Brasil fugindo do invasor, e

incontáveis foram as atrocidades e injustiças cometidas com aqueles silvícolas. Em segundo lugar, os negros foram obrigados a emigrar para o Brasil para trabalhar como escravos nas lavouras do Brasil colonial, posteriormente vieram os europeus migrantes “livres” para as lavouras, principalmente a do café, e muitos conseguiram se estabelecer economicamente, passando a possuir muitas terras. (CARLEIAL, 2002).

Então, em lugares e épocas diferentes, grupos humanos insatisfeitos com suas condições de vida, sempre se movimentaram. Ninguém abandona suas raízes sem que não haja necessidade. Ninguém sai de seu próprio país, estado ou cidade se ali se encontra bem! E essas saídas nem sempre são boas soluções para os problemas de quem emigra.

Entretanto, o motivo que gera o maior número de migrações no mundo todo, é sem dúvida, o econômico – as pessoas saindo à procura de seu sustento e sua melhoria de vida. É este o motivo que se vai abordar constantemente – migrações de populações empobrecidas, que apostam na sobrevivência em outras regiões, iludidas com o sonho do emprego, de bom salário, da terra fértil para o plantio, da dignidade de viver.

Segundo Brito (2002), as migrações não são fenômeno estritamente demográfico. Em uma perspectiva mais abrangente, as migrações constituem processo social. Elas não são o mero resultado do somatório de decisões individuais. Não é um indivíduo isolado que migra, mas são milhões de pessoas, conjuntos sociais com seus valores e normas, que se transferem do espaço rural para o urbano, de uma cidade para outra, de um estado para outro, de uma região para outra, ou mesmo, de um país para outro.

Dentro de um mesmo país quando ocorre esse deslocamento, costuma-se afirmar que houve uma migração interna. As migrações internas constituem um processo social, esse processo ou essa trajetória migratória, constituiu-se em algo que as sociedades desenharam em função das suas necessidades do momento vivido.

Quanto ao termo migração interna faz se importante neste trabalho, pois dela dependerá a orientação da análise e da interpretação dos dados aqui expostos, conforme nos orienta Póvoa-Neto (1997), pois o presente e o passado da sociedade brasileira são marcados pela intensidade dos movimentos migratórios.

Souza (1980, p. 33), entende migração interna como sendo, “um processo social resultante de mudanças estruturais de um determinado país, que provocam o deslocamento horizontal de pessoas de todas as classes sociais, que, por razões diversas, deixam o seu município de nascimento e vão fixar residência noutra”.

Segundo o mesmo autor, o processo migratório não é algo mecânico que ocorre entre um pólo de expulsão e outro de atração. Nasce e se desenvolve num contexto social historicamente determinado, cuja explicação se encontra no estudo das mudanças estruturais a nível regional, nacional ou internacional.

Com base nesse autor, entende-se que os problemas econômicos que afetam uma sociedade em um determinado período acarretarão esse deslocamento dentro de seu próprio país de origem, sendo assim, o indivíduo migrante é pertencente a todas as classes sociais, não é só o ‘pobre’ que migra, mas o processo migratório envolve pessoas de todas as classes sociais.

No mesmo sentido, Carleial (2002) define migrações como sendo: deslocamento de um conjunto de indivíduos, ou fluxos de pessoas, ou ainda, circulação de pessoas, como também, redistribuição de população, sendo esta voluntária ou forçada, resultado do desenvolvimento capitalista e de mercado, que produz desequilíbrios sócio-econômicos, proletarização dos produtores rurais e êxodo campo-cidade, potencializando a emigração. Note-se que a necessidade econômica da produção e da reprodução da vida humana distribui a população no espaço nacional.

Tem-se que “considerar ainda, que as migrações internas têm caráter coletivo e normalmente ocorrem por três motivos: econômico (procura de trabalho, melhoria das condições de vida), para acompanhar o esposo, família ou algo do estilo ou ainda pela ocorrência de fenômenos naturais como as secas”. (RODRIGUES, 2009, p. 63).

O processo de migração é, portanto, resultado de uma cultura e de uma economia, as pessoas deslocam-se com ilusões de superação de problemas que enfrentam no seu cotidiano, gerando redes de apoio dos mais distintos formatos, que amenizam as dificuldades encontradas pelos imigrantes, enquanto estão em terras estranhas. Assim:

Ao migrar, ao deixar seus familiares, o migrante leva consigo somente as expectativas de que conseguirá atingir seus objetivos que é conseguir dar sustento a sua família. Mas a realidade nem sempre corresponde às tais expectativas. O migrante, então, se depara com a falta de emprego, moradias inadequadas e a falta da família. Os sonhos são interrompidos e até o retorno ao lugar de origem torna-se impossível. (RODRIGUES, 2009, p. 56).

O cotidiano desse migrante muda completamente, pois o trabalho que passou a desenvolver, na maioria das vezes, não era a sua especialidade, o modo de vida, as relações sociais se ampliaram muito mais e tudo que lhe foi ensinado e apreendido, pouco lhe servirá, restando para ele a adaptação a esse novo ambiente.

Sayad (1998, p. 55) afirma que “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”. Muitos desses migrantes depois de um período de trabalho retornam para seu estado de origem, por isso dizer ser ela, provisória ou temporária, mas ainda a maioria deles fixa se nesse novo ambiente.

O trabalho, melhores oportunidades de emprego, maiores ganhos salariais são fatores de atração para a migração; logo, a pobreza, a falta de oportunidade de trabalho, a falta dos meios de produção, como por exemplo, a terra, são elementos que favorecem a mobilidade da população.

O migrante tem em mente sempre a sua realidade local, a falta de oportunidade frente ao novo, ou seja, as perspectivas oferecidas no local que será seu destino. Ele deixa para trás uma situação ruim em troca de uma perspectiva melhor. (PÓVOA-NETO, 1997).

Note-se que, segundo SANTOS (1996, p.262), “hoje, a mobilidade se tornou praticamente uma regra, os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes...”. O lugar novo o obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação das suas atividades até então praticadas em seu local de nascimento, e o novo lugar habitado obriga esses migrantes a ter novas experiências profissionais, culturais, educacionais.

Em relação à população, com a diminuição dos canaviais, eles iniciaram a andança. Já no século XVIII, muitos migraram para o estado de Minas Gerais, em busca do ouro. Posteriormente, com a plantação do café no estado de São Paulo, houve uma intensa migração para aquelas fazendas. Com a

industrialização no Rio de Janeiro e São Paulo, muitos nordestinos vieram também para vender a sua força de trabalho.

A falta de emprego e a má distribuição de renda foi o motivo principal que fez e faz a região Nordeste apresentar os piores indicadores socioeconômicos do Brasil, mas a seca é difundida há séculos e atualmente é tratada como o principal vilão da pobreza nordestina. Quando se analisa a área propensa à seca, percebe-se que é pequena e pouco populosa, comparando-se com regiões onde a pobreza também é grande e a migração intensa. Na Zona da Mata, o clima é tropical úmido, as precipitações são corriqueiras e as pessoas também são pobres e migraram. Isso comprova que a seca não é definitivamente o principal fator por que ocorreram tantas migrações principalmente para o Sudeste e Sul do Brasil.

A migração interna, entre os estados brasileiros, também é muito significativa, e foi muito importante para os “ciclos” econômicos: a borracha na região Norte, atraiu muitos nordestinos; o ouro em Minas Gerais, o café em São Paulo, e posteriormente a industrialização são fatores que fizeram com que a população brasileira migrasse de cidade e regiões. (MARTINS; VANALLI, 1994).

Portanto, as migrações internas no Brasil, além de redistribuir a população, possibilitou a esses contingentes humanos lutar por melhores condições de sobrevivência, mesmo que em locais diferentes de sua terra natal e exercendo atividades diversas.

### 3 OS NORDESTINOS DE ASSAÍ

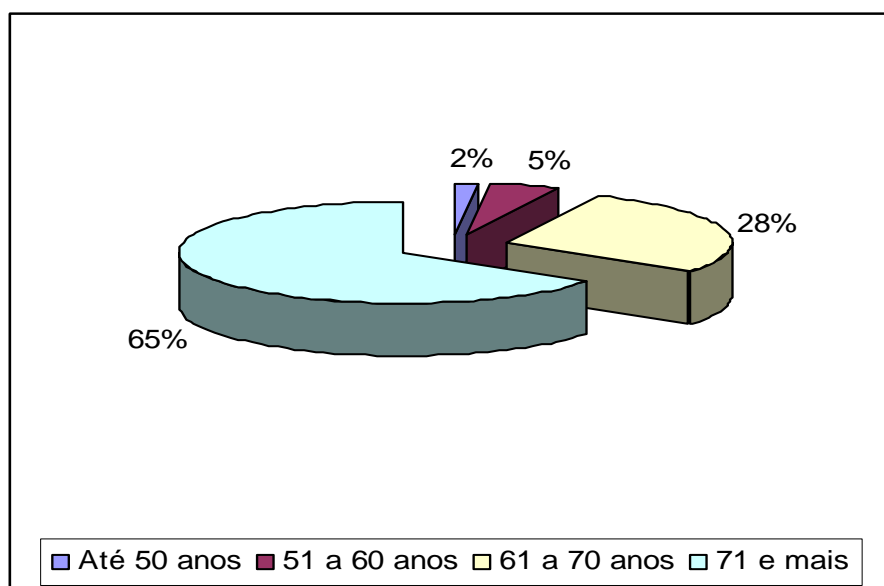
Esse item contempla uma análise mais aprofundada sobre os migrantes nordestinos e o seu trabalho nos algodoais, tendo em vista que aqueles trabalhadores vieram dos estados nordestinos atraídos pelo desenvolvimento agrícola do município de Assaí, em virtude da produção do algodão, que alcançava repercussão nacional.

A pesquisa de campo procurou investigar a situação da vida do migrante nordestino no seu local de origem, os motivos pelos quais despertou o desejo de migrar, como se deu o trajeto e a sua chegada ao município de Assaí. Eis algumas das várias questões que foram objeto de investigação. Para tal, foram utilizados os procedimentos que se descreve a seguir:

Foram entrevistados sessenta migrantes nordestinos. Para cada entrevistado, foram feitas trinta e seis perguntas, divididas da seguinte maneira: do número 1 ao número 4, perguntas sobre dados pessoais; do número 5 ao número 21, questões referentes à mudança de região, do Nordeste para o Sul; do número 22 ao número 33, perguntas somente para os nordestinos que trabalharam nos algodoais, e as três restantes destinadas à investigação sobre a importância que os nordestinos dão à festa anual promovida pelo município para homenageá-los e também para conhecer aqueles que exercem posição de destaque no município de Assaí.

Os materiais utilizados para realizar as entrevistas foram um mp4 gravador, câmera fotográfica digital, caderno e caneta, pois além das falas serem gravadas, foram também transcritas. As entrevistas foram realizadas nas residências dos entrevistados, escolhidos de forma aleatória. Em cada casa visitada, recebia informação de outro conhecido e assim foi se desenrolando até a conclusão das entrevistas.

Os nordestinos entrevistados para esta pesquisa, encontram-se quase todos aposentados, mas alguns que possuem propriedades rurais ainda trabalham e/ou coordenam seus empregados. Com base no gráfico 01, percebe-se que, 98,4% deles apresentaram idade superior a 50 anos. Do universo de 60 entrevistados, 39 deles possuem idade superior a 70 anos, totalizando 65% dos entrevistados, conforme mostra o gráfico a seguir.

**Gráfico 1.** Idade dos entrevistados.

**Fonte:** Pesquisa “in loco”. Assaí-PR, 2008/09.

Na questão referente à questão de sexo, a população feminina é a que predomina com 53,4 %. Estes dados são equivalentes aos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os quais apontam que a população brasileira é formada de 51,2% de mulheres e 48,8% de homens, ou seja, existem 4,2 milhões de mulheres a mais que homens. (Tabela 02).

**Tabela 2** – Distribuição da população por sexo

<b>Sexo</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Masculino	28	46,6
Feminino	32	53,4
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa “in loco”. Assaí-PR, 2008/09.

O predomínio de mulheres ocorre em todas as regiões do país. Elas são em maior número nos centros urbanos e minoria nas zonas rurais. Analisando a tabela populacional do município de Assaí, que apresenta a porcentagem de homens e mulheres na zona urbana e rural, fica evidente, desde os anos de 1970, a menor presença feminina. Isso se deve ao trabalho braçal que se desempenha nas propriedades rurais, e muitas mulheres, tendo possibilidade, preferem desenvolver atividades menos desgastantes fisicamente. O quadro 04 mostra essa constatação assaiense.

**Quadro 4.** Distribuição da População por sexo – Assaí-PR.

Ano	HOMENS				MULHERES				TOTAL
	Urbana	%	Rural	%	Urbana	%	Rural	%	
1970	4.281	14,72	10.541	36,24	4.309	14,81	9.959	34,24	29.090
1980	4.931	22,31	6.196	28,04	5.178	23,43	5.793	26,22	22.098
1991	6.247	30,74	3.812	18,76	6.717	33,05	3.549	17,46	20.325
1996	6.882	34,98	2.851	14,49	7.357	37,39	2.587	13,14	19.675
2000	6.528	36,18	2.357	13,06	6.989	38,73	2.171	12,03	18.045

**Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000).  
Organização dos dados: Miriam Lopes Paulo.

Uma outra constatação importante versa sobre o conhecimento da naturalidade dos migrantes, pois os municípios e estados citados por eles permite compreender melhor as condições naturais de suas regiões de origem, tendo em vista que muitos se referem à seca e a fome como condicionantes para essa migração. O depoimento abaixo evidencia esse fato:

***“O lugar era muito difícil, plantava e não colhia, chovia um ano e ficava dois, três anos sem chover, meus pais saiam para trabalhar fora nas usinas de cana da região...”***

Maria Conceição da Cunha, 61 anos.  
Cachoeirinha - PE

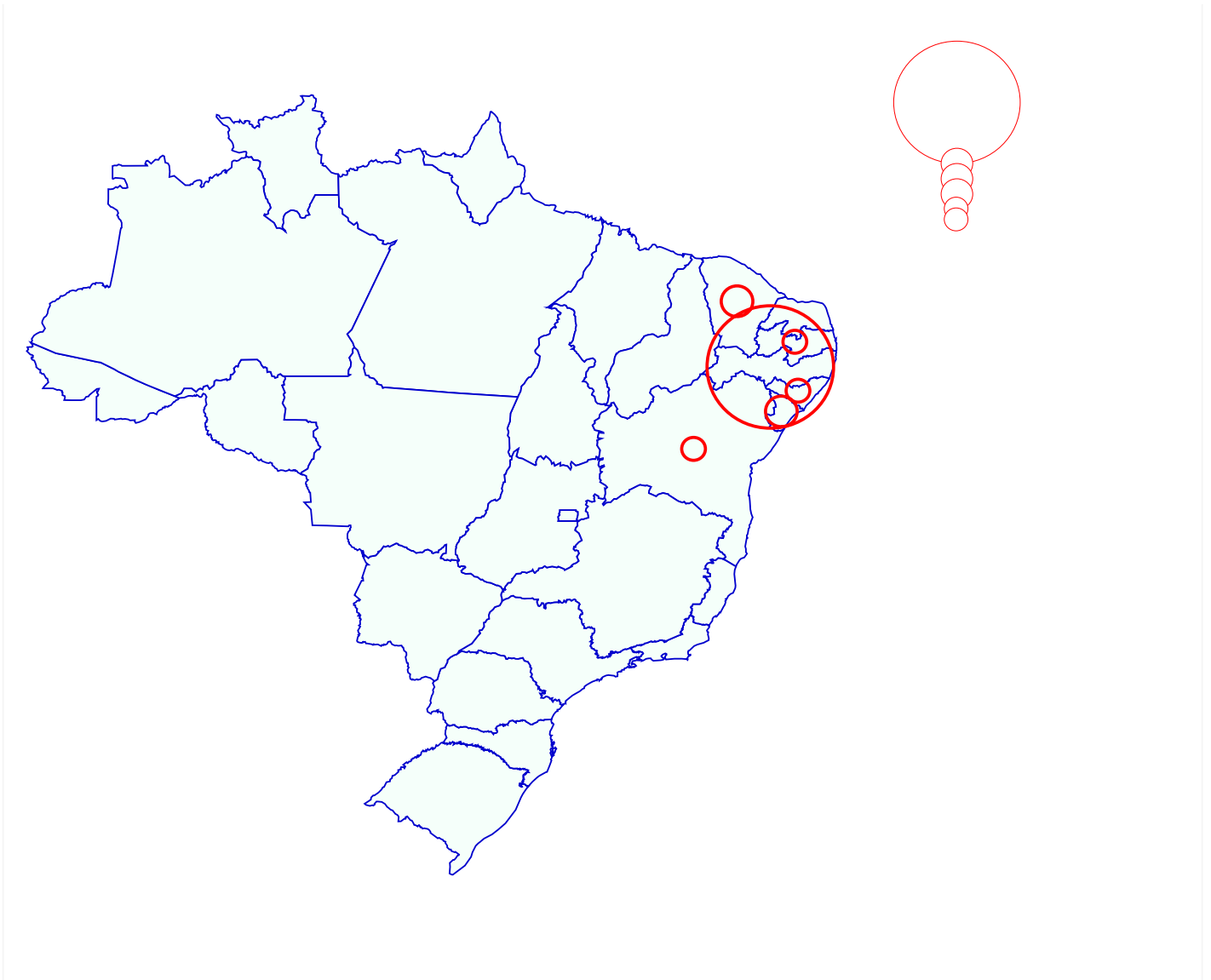
Interessante e curioso também foi a entrevista realizada com o senhor L. B. S, que evidenciou possuir boas condições financeiras, morador de uma residência de bom padrão e bem esclarecido culturalmente. Perguntado sobre sua naturalidade, ele respondeu que nasceu no município de Garanhuns-PE. No mesmo dia foi entrevistado outro casal, de boas condições financeiras, boa moradia e proprietário rural do município que, perguntado da naturalidade do senhor J.M.S, ficou pensativo e perguntou onde é que o L.B.S informou que teria nascido. Ao saber que o outro havia nascido em Garanhuns, daí o novo entrevistado sorriu e disse que aquele homem não era daquele município pernambucano, e sim de outra cidade vizinha, Jupi. Dizendo que também iria citar Garanhuns como sua cidade de origem, e diante da resistência em citar o verdadeiro município de sua origem; então ele

explicou que a “fama” dos homens de Jupi é de serem traídos por suas mulheres, o chamado “corno”, assim definido por aquele entrevistado.

É interessante essa questão cultural, pois vieram jovens e até hoje guardam esse preconceito em suas memórias. Tal situação foi também verificado “in loco” quando, em recente viagem para o município de Garanhuns, algumas pessoas confirmaram tal versão, afirmando que essa “fama” perdura até os dias de hoje.

Então, através dessa pergunta referente à naturalidade pode-se verificar o estado e município de origem, pois a região Nordeste é composta por nove estados. No presente trabalho o Nordeste conta com representantes de seis estados, como: Pernambuco (81% dos entrevistados), Alagoas (3%), Ceará (5%), Sergipe (5%), Bahia (3%) e Paraíba (3%). (Figura 06).

**Figura 6.** Mapa – Estados de origem dos Migrantes Nordestinos.



**Fonte:** Pesquisa “in loco”. Jan/2009.

O estado de Pernambuco apresenta liderança entre os entrevistados, e em relação aos municípios, Garanhuns foi o que mais contribuiu para a população do município de Assaí – PR. Das 14 cidades pernambucanas representadas pelos migrantes nordestinos, 35,4% dos entrevistados vieram de Garanhuns. (Tabela 03).

**Tabela 3** – Local de origem dos migrantes, por município do estado de Pernambuco.

<b>Municípios</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Garanhuns	17	35,2
Limoeiro	09	18,7
Flores	05	10,4
Triunfo	02	4,2
Jericó	02	4,2
Caruaru	02	4,2
Jupi	02	4,2
Cachoeirinha	02	4,2
Passira	02	4,2
Cupira	01	2,1
São José do Egito	01	2,1
São Bento do Una	01	2,1
São João	01	2,1
Angelim	01	2,1
<b>Sub – total</b>	<b>48</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

Analisando a tabela 05, referente às profissões desempenhadas pelos migrantes nordestinos, 54,1% são trabalhadores rurais aposentados, ou seja, dedicaram-se uma vida inteira na lavoura e só vieram morar na cidade a partir do momento da conquista da aposentadoria, como é o caso do Sr. Eduardo Rodrigues da Cunha (*in memorian*). Ele trabalhou durante quarenta e dois anos para o mesmo patrão, Sr. Severino Felix Pessoa. Observe-se que este senhor foi até a sua terra natal, Limoeiro-PE, buscar de caminhão “pau-de-arara” muitos de seus conterrâneos para trabalhar nas suas lavouras de algodão. Por ocasião da entrevista, ele residia em uma chácara próxima à cidade, do mesmo patrão. O Sr. Eduardo Rodrigues da Cunha, não paga aluguel, água e luz. Segundo ele, foi uma forma de recompensa

pelos anos trabalhados já que não recebeu nenhuma compensação financeira por isso. (Foto 07).

**Foto 7** - Sr. Eduardo Rodriguês da Cunha (in memorian), juntamente com sua esposa Santina Albina da Cunha no dia da entrevista.



**Fonte:** José Paulo. Jan/ 2009

Há casos de alguns que necessitam trabalhar nas lavouras para complementar a renda familiar, visto que 18,3% deles são proprietários de terras, entre os quais um também é criador de gado.

O Sr. José Amaral Ferreira, 73 anos, é natural do município de União dos Palmares, estado de Alagoas, casado com a dona Maria Teles de Amaral Ferreira, 71 anos, natural de Triunfo, estado de Pernambuco. Em 1952, eles se casaram e migraram, viajando em um caminhão “pau-de-arara”, por 15 dias e 15 noites. Chegando ao município de Assai, eles ficaram trabalhando sessenta dias na seção Jangada<sup>6</sup> e depois se mudaram para o Distrito de Pau D’Alho do Sul, onde residem até os dias de hoje. (Fotos 08 e 09).

---

<sup>6</sup> A Seção Jangada foi fundada em 1935, com a chegada de cinco famílias japonesas, para desbravarem e cultivarem suas terras. A denominação “seção” refere-se ao sistema implantado pelos japoneses, designando “mura”, ou seja, “bairros rurais”.

**Foto 8 -** O casal José Amaral Ferreira e dona Maria Teles de Amaral, concedendo entrevista em sua residência no Distrito de Pau D'Alho do Sul.



**Fonte:** José Paulo. Jan/2009

**Foto 9 -** Residência da família Amaral, uma das residências de bom padrão do Distrito de Pau D'Alho do Sul.



**Fonte:** Miriam Lopes. Jan/2009.

Quanto ao Distrito de Pau D' Alho do Sul, citado anteriormente, pertence ao município de Assaí, apresentando atualmente população de 803 habitantes, sendo 427 na área urbana e 376 na área rural, distando 23 quilômetros de Assaí.

O casal relata que eles vieram com poucos recursos financeiros e para se manter tiveram de trabalhar como empregados. No entanto, em 1959, eles começaram a trabalhar por conta própria, após a compra de dez alqueires de terra, no Distrito de Pau D'Alho do Sul. Atualmente eles possuem cento e seis alqueires de terra, com plantações de café, algumas cabeças de gado e outros alqueires de terra arrendados.

O Sr. José Amaral Ferreira se orgulha ao dizer que “chegou a plantar duzentos alqueires de algodão”. Ele chegou sem nenhuma posse, mas com alguns anos de trabalho passou de empregado a patrão, sendo que o cultivo do algodão foi o responsável por seu progresso econômico.

A grande parte desses migrantes veio da zona rural nordestina e trabalhou principalmente nos algodoais. Alguns deles conseguiram se estabelecer no município de Assai como grandes agricultores, sendo que outros conquistaram emprego como funcionários públicos municipais, desempenhando funções como: motoristas e zeladores. Dois desses migrantes nordestinos exercem posição de destaque, como o Sr. Zequias Rufino da Silva. Pernambucano de Garanhuns, ele foi vereador do município de Assaí por quatro mandatos, de 1963 a 1982. Outro pernambucano de Limoeiro que conquistou importante posição é o Sr. Severino Felix Pessoa, que foi prefeito do município de Assaí, entre 1983 a 1989, além de ter sido deputado estadual, no período entre 1992 e 1996.

A influência nordestina é percebida também no comércio, nas igrejas, na segurança pública, pois dentre os sessenta migrantes nordestinos entrevistados, essas profissões se destacaram (Tabela 04).

**Tabela 4** – Profissão dos entrevistados (\*)

<b>Atividade exercida</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Trabalhador rural aposentado	33	54,1
Proprietário de terra	11	18,3
Funcionário (a) público aposentado (a)	08	13,1
Pecuarista	01	1,6
Comerciante	01	1,6
Pastor evangélico	01	1,6
Policia Militar aposentado	01	1,6
Do lar	05	8,1
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

### 3.1 CONDIÇÕES DE VIDA NO NORDESTE: A MIGRAÇÃO

Para que ocorra o deslocamento populacional, acredita-se que o local de origem não está proporcionando condições favoráveis para seus moradores, como a falta de trabalho e a pouca possibilidade de crescer economicamente. Em busca de melhorias para si e para seus familiares, aqueles trabalhadores se deslocam então para outra região mais promissora. Os migrantes nordestinos deixaram suas localidades de origem principalmente pela falta de chuva e conseqüentemente pela escassez de alimentos. Conforme citado por muitos, eles tinham uma vida muito “sofrida” e “atribulada”. Muitos andavam quilômetros em busca de um pouco de água para beber, outros na madrugada, “roubavam” água daquele vizinho que tinha um poço ou uma cisterna, pois sem chuva havia poucas possibilidades de a terra produzir. Outros plantavam algodão, feijão, milho, mandioca, cana, arroz apenas para a subsistência. Quase sempre havia a perda da metade da safra pelas condições climáticas adversas.

O Sr. João Pedro da Silva, de 81 anos, natural de Limoeiro-PR, relatou que sua vida era “**de muito sacrifício**”, pois passava oito dias em casa e quinze dias fora, trabalhando nas roças de algodão, mamona, jerimum<sup>7</sup>. Já a situação de vida do Sr. Miguel Batista dos Santos, de 65 anos, natural de Cupira-PE, não foi muito diferente, pois ele apesar de morar na cidade, ia à uma mina, retirava água e vendia para a população, tamanha era a necessidade deste bem.

A Dona Maria José Andrade de Menezes, de 73 anos, natural de Aquidabã-SE, afirmou que, apesar da sua família ser proprietária de terras, a vida era muito “ruim”, pois quase não chovia. Por muitas vezes, ela “roubava” água dos vizinhos para beber.

Dentre os entrevistados, houve a indicação de sessenta e quatro motivos pelos quais esses migrantes optaram por abandonar toda uma vida no seu local de nascimento. Daqueles, quarenta e três respostas foram exatamente por causa, da seca, da escassez de alimentos, de condições de sobrevivência, totalizando 67,2% dos entrevistados, conforme mostra a tabela 05.

---

<sup>7</sup> Jerimum é a designação que a abóbora recebe no interior do Norte e Nordeste do Brasil.

**Tabela 5** – Condições de vida no local de origem (NE) (\*)

<b>Condições</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Muita seca, pouca chuva, fome	43	67,3
Plantava algodão, feijão, milho, mandioca, cana, arroz.	07	10,9
Atribulada, sofrida, pobre	06	9,4
Família abastada	03	4,7
Boa, trabalhava na roça.	02	3,1
Nunca faltou água	01	1,5
Não tem lembrança	02	3,1
<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

(\*) Respostas múltiplas

As condições de vida dessa população nordestina foram cruciais para o quesito migração, sendo que todos esses fatores econômicos, sociais e naturais, provocaram a saída do nordestino em direção ao município de Assaí.

Note-se que nas décadas de 1940 e 1950, o município de Assaí estava em ampla expansão agrícola. Suas lavouras e sua terra fértil e a necessidade de mão de obra para as lavouras eram constantes. Tal situação pôde ser constatada pelos primeiros migrantes que aqui chegaram. Já com alguns recursos, de poupança feita, alguns migrantes passaram a ser empregadores dos seus próprios conterrâneos.

A Dona Neuza Correa de Melo, 79 anos, natural de Viçosa-AL, foi a única a relatar que sua família tinha condições boas em seu estado de origem. Ela relata que o motivo que incentivou seu pai a migrar com a família foi:

***“Porque meu pai veio passear no Rio de Janeiro e veio até São Paulo. Naquele tempo São Paulo estava no auge, então meu pai se entusiasmou muito e chegou lá e resolveu vir para cá”.***

Segundo a entrevistada, a vida de sua família era abastada, tinha boas condições. Seu pai era agricultor e comerciante, e até a sua viagem para São Paulo foi em navio de primeira classe. Juntamente com os pais e irmãos, ela atracou

no Porto de Santos; ficaram por um tempo em Marília e, em 1949, chegaram em Assaí. (Foto 10).

**Foto 10.** Dona Neuza Correa de Melo.



**Fonte:** Miriam Lopes. Dez/ 2008.

Observa-se ainda que as histórias de vida de demais nordestinos opõem-se em muito ao relato anterior, sendo que as citações, a seguir, comprovam que outros fatores contribuíram para o deslocamento até Assaí:

***“Chegou uma turma de Assaí e informou que era bom, e os meus pais se interessaram”***

Irani Ferreira da Silva, 60, natural de Floresta Azul-BA.

***“Por precisão, tinha vida muito ruim. O povo retornava para Nordeste bem arrumado e com dente de ouro”.***

José Manoel da Silva, 73 anos, natural de Jupi-PE

***“Eu vim com vinte e um anos, sozinho, pois já tinha parentes na seção Paineira”.***

Zequias Rufino da Silva, 82 anos, natural de Garanhuns-PE

***“Eu tinha parentes em Assaí, e eles arrumaram o dinheiro emprestado para eu ir também”.***

Antonio Correa Lima, 78 anos, natural de Miragem-CE.

Outras respostas como o sonho de melhorias, a busca de uma vida melhor, a Ilusão de ficar rico, o sofrimento, entre outras, foram citadas pelos nordestinos. Também se observa ainda, através da tabela 06, que os motivos principais que provocaram esse deslocamento populacional foram: a fome, a seca, por incentivos familiares, por ouvir falar da prosperidade do estado do Paraná e, finalmente, pela ilusão de enriquecer.

**Tabela 6** – Motivação para migrar (\*)

<b>Motivação</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Fugindo da seca e da fome	38	60,3
Incentivo familiar	13	20,6
Por ouvir falar	07	11,1
Ilusão de enriquecer	05	8,0
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

(\*) Respostas múltiplas.

Migrar não é fácil, porque migrar sempre implica cortar laços, começar do zero, enfrentar o desconhecido. Como se constatou na pesquisa, os migrantes deixaram para trás uma situação difícil do ponto de vista econômico. Ocorreu uma ruptura familiar e muitas vezes as dificuldades dessas mudanças não eram percebidas e pensadas por eles, pois o ato de migrar os impulsionava a cada boa notícia que recebiam de seus familiares e conterrâneos.

Segundo os entrevistados, a vinda para o município de Assaí foi muito difícil, pois as estradas eram precárias e as viagens por muitas vezes duravam

semanas. O levantamento apontou que 36,6% dos entrevistados viajaram de 15 a 20 dias; 31,6% de 10 a 15 dias, e 31,6% gastaram de 5 a 10 dias. (Tabela 07).

**Tabela 7 – Duração da viagem**

Dias	nº.	%
15 – 20 dias	22	36,6
10 – 15 dias	19	31,7
5 – 10 dias	19	31,7
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

Esses migrantes vieram na sua maioria em caminhão “pau-de-arara”, em péssimas condições, em veículos abarrotados de pessoas. Dormiam sentados e, nas paradas, tomavam banho nos rios. Ainda é muito comum esse tipo de veículo em alguns municípios nordestinos, utilizados para o transporte de “bóias frias” e em certas localidades substituem os ônibus escolares. (Foto 11).

**Foto 11 - Transporte típico das áreas rurais do município de Caraubas-PI.**



Fonte: <http://pt.wikipedia.org>, acessado em março de 2010.

Os relatos abaixo comprovam essa realidade:

***“Eu vim de caminhão pau-de-arara, nós dormia nas ruas, nas praças, parava nos rios para dar banho nas crianças, foram 18 dias”.***

Leomar Davi da Silva, 71, natural de Garanhuns - PE

***“Foi comendo rapadura com farinha, forrava uma esteira e dormia”.***

João Pedro da Silva, 81, natural de Limoeiro - PE.

***“Comendo farofa e com os pés inchados”.***

Beatriz Alves da Silva, 77 anos, natural de Flores-PE.

Esses são os relatos da maioria dos migrantes nordestinos, pois o caminhão “pau-de-arara” era o meio de transporte mais comum nos anos de 1940 a 1960, época na qual Assaí recebeu maior número de migrantes. Também do município de Assaí, saíam caminhões em direção aos estados nordestinos, com o objetivo de contratar mão-de-obra para trabalhar nas lavouras.

Através das entrevistas, extraem-se relatos como o do Sr. Eduardo Rodrigues da Cunha (*in memoriam*), que faleceu meses após ter dado essa entrevista, ele relatou que há quarenta e seis anos morava no município de Assaí. Informando que a pessoa que foi à sua terra natal, Limoeiro-PE, buscar trabalhadores para o plantio e colheita do algodão, foi seu conterrâneo, o Sr. Severino Felix Pessoa.

Alguns outros possuíam melhores condições e tiveram a oportunidade de vir de ônibus até São Paulo, em seguida, prosseguiram a viagem de trem até o município de Jataízinho. Mas, a grande maioria migrou somente com o dinheiro da passagem e um pouco de comida, como carne seca, farinha e rapadura para se alimentarem durante o percurso. (Tabela 08).

**Tabela 8 – Condições da viagem (\*)**

<b>Condições</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Caminhão pau-de-arara	38	57,6
Ônibus (jardineira)	18	27,2
Trem	07	10,6
Navio de primeira classe	01	1,5
Não lembram	02	3,1
<b>Total</b>	<b>66</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

### 3.2 OS MIGRANTES NORDESTINOS NO MUNICÍPIO DE ASSAÍ

O período que Assaí recebeu maior número de migrantes nordestinos, foi nas décadas de 1950 e 1960, quando o município conheceu um grande desenvolvimento econômico em virtude da produção do algodão. (Tabela 09).

O trabalho nos algodoais necessitava de mão-de-obra, e quem conseguia comprar suas terras necessitava de trabalhadores, ou seja, colhedores de algodão. Aqueles trabalhadores executavam vários serviços nos algodoais: preparar a terra, plantar as sementes, ralear, colher e enfardar a fibra nas propriedades rurais, além de armazenar e transportar. Esses trabalhadores eram mais conhecidos como “catadores de algodão”, embora recebessem outras denominações como apanhador de algodão, cotonicultor e cultivador de algodão, peão. (GONÇALVES, 2009).

**Tabela 9 – Ano da chegada em Assaí - PR**

<b>Ano</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
1941 – 1945	02	3,3
1946 – 1950	06	10,0
1951 – 1955	19	31,6
1956 - 1960	13	21,7
1961 – 1965	15	25,0
1966 – 1970	01	1,7
1971-1975	02	3,3
1989	01	1,7
1998	01	1,7
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

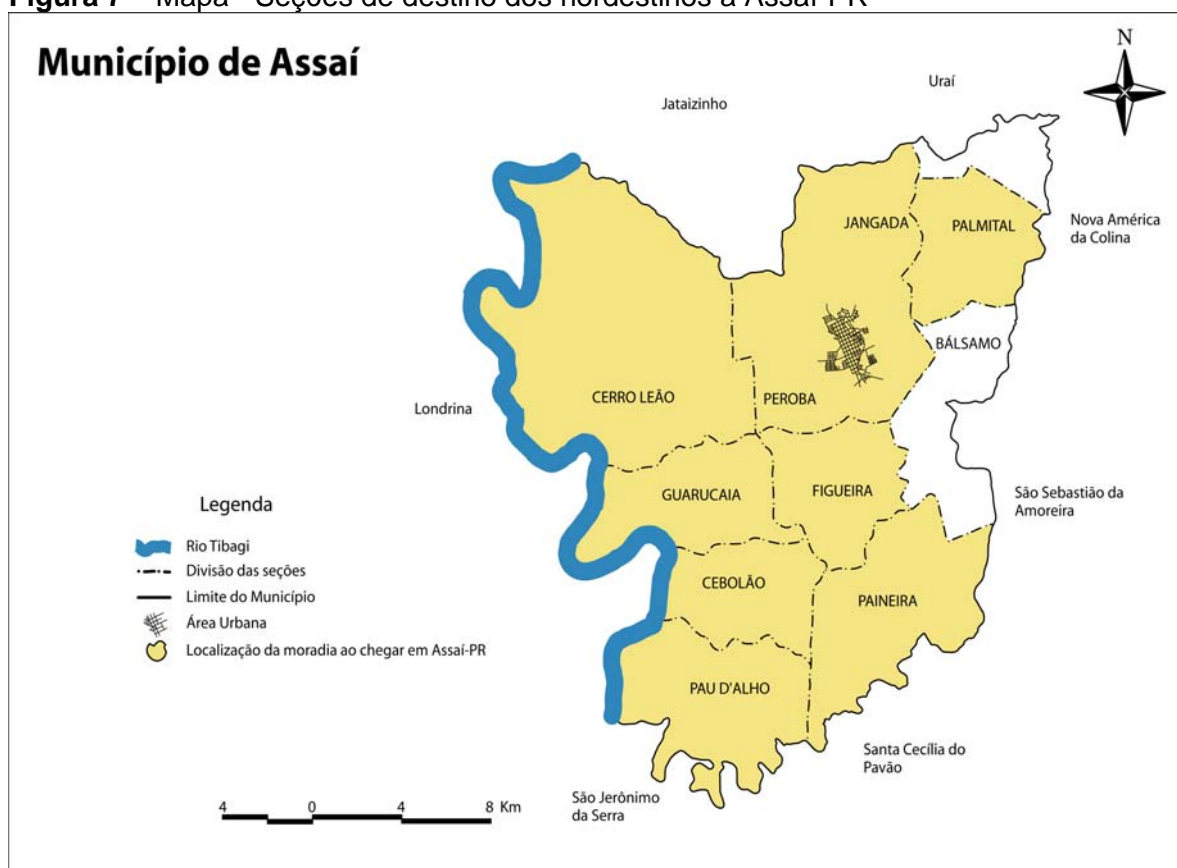
Como já citado, esses migrantes chegavam e já se dirigiam para as seções rurais, onde iam trabalhar no plantio, na colheita do algodão. Muitos desses também foram trabalhar na lavoura de café. Identificou-se nove seções que receberam esses migrantes nordestinos, como Guarucaia, Pau D'Alho, Paineira, Figueira, Palmital, Cebolão, Jangada, Peroba e Cerro Leão. (Tabela 10 e Figura 06).

**Tabela 10** – Localização da moradia ao chegar em Assaí – PR.

<b>Localização (urbano/rural)</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
1. Zona Urbana	04	6,7
2. Zona Rural - Seções	-	-
a) Guarucaia	14	23,3
b) Pau D'Alho	13	21,7
c) Paineira	10	16,7
d) Figueira	07	11,7
e) Palmital	05	8,3
f) Cebolão	02	3,3
g) Jangada	02	3,3
h) Peroba	02	3,3
i) Cerro Leão	01	1,7
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa "in loco". Assaí-PR, 2008/09.

**Figura 7 – Mapa - Seções de destino dos nordestinos a Assaí-PR**



**Fonte:** Prefeitura Municipal de Assaí-PR/2005

Os migrantes nordestinos ao chegarem ao município de Assaí, trabalharam principalmente na lavoura de algodão. Dos 60 entrevistados, 41 pessoas trabalharam no algodão, totalizando 59,5 %; outros 18, na lavoura do café, totalizando 26,1 % . Havia também outras culturas praticadas pelos agricultores, como o plantio do milho e do feijão. Também um dos entrevistados se dedicou ao plantio da hortelã, alguns foram atuar em pequenos comércios e, até mesmo montando seus próprios negócios, e, um trabalhou como policial militar. (Tabela 11).

**Tabela 11** – Trabalho que desempenhou ao chegar em Assaí - PR

<b>Trabalho</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Lavoura de algodão	41	59,6
Lavoura de café	18	26,1
Desmatar e plantar milho, feijão,	04	5,8
Comércio	03	4,3
Polícia Militar	01	1,4
Cultivo de hortelã	01	1,4
Dona de casa	01	1,4
<b>Total</b>	<b>69</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

Obteve-se muitos relatos das dificuldades sofridas pelos migrantes ao chegar ao município de Assaí. Através da tabela 13, percebe-se que, apesar das dificuldades encontradas, a maioria deles, 86,7% dos entrevistados, considera a vida no município de Assaí melhor do que a que tinham no local de origem. Outros 8,3% consideram-na pior comparado com a anterior, e apenas 5,0% dos entrevistados consideram que a vida permaneceu igual a que tinha enquanto morava no Nordeste, ou seja, as condições foram iguais em ambos os estados. (Tabela 12).

A dona Maria de Lourdes Barros da Silva, 75 anos, natural de Garanhuns-PE relata que achou “***muita fartura***” ao chegar aqui. Já o Sr. José Paulo Neto, 75 anos, natural de Flores-PE, diz que no Nordeste a “***seca judiava demais***”.

**Tabela 12** – Condições de vida/ melhor ou pior/ NE

<b>Condições</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Melhor	52	86,7
Pior	05	8,3
Permaneceu igual	03	5,0
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

As primeiras impressões que eles tiveram do município de Assaí foram de que havia poucas casas, ruas sem asfalto, lojas comerciais, entre elas, a

Casa Pernambucana, igrejas de madeira, casas cercadas com balaustre, movimento de pessoas na avenida, tratores pela cidade e seus moradores – os japoneses, que eram a maioria, na condição de fundadores da cidade. (Tabela 13).

Observando a foto 12, percebe-se a estrada principal, que hoje se constitui na Avenida Rio de Janeiro e o início do processo de urbanização, era marcada pela presença de algumas edificações próximas à via arterial da cidade.

**Foto 12** - Vista parcial da implantação da cidade de Assaí-PR, na década de 1940.



**Fonte:** Arquivo pessoal Elisa Fujita (reprodução).

A foto 13 apresenta parte das atividades comerciais na década de 1950, através da qual se percebe, no mesmo quarteirão, uma filial das lojas Riachuelo e das Casas Pernambucanas. Tal situação demonstra que havia uma demanda alta por tecidos e confecções neste período. A população de 31.583 habitantes era em sua maioria da zona rural, que se deslocava para a cidade em busca de bens e serviços diversos.

**Foto 13** - Vista parcial das atividades comerciais na Avenida Rio de Janeiro, no centro da cidade de Assaí por volta dos anos de 1950. Observa-se a presença de diversas lojas e movimento de pessoas e meios de transporte como bicicletas, cavalo, trator.



**Fonte:** Arquivo pessoal Elisa Fujita (reprodução).

Vejamos algumas citações:

*“Era um lugar bem menor, asfalto não se conhecia, as casas era de madeira, existia aqui de material o banco América do Sul e uma loja chamada Nakayaso e depois existia de material a Pernambucana, o comércio muito bom... corria dinheiro aqui que nem água, tinha lavoura de café aqui no sítio de um pé dava um saco, na chácara do Ikeda tinha café que um pé dava um saco mas não é limpo é em caroço que corresponde a 20 quilo de café limpo porque. três saquinho da um quilo, era café, madeira, produzia arroz, produzia feijão, 90% dos habitantes era japônês.*

Neuza Correa de Melo, 79 anos, natural de Viçosa-AL.

***“A cidade era muito movimentada, a avenida era de terra, e o comércio todo de madeira”.***

Maria Borges da Silva, 60 anos, natural de Limoeiro-PE.

***“Eu vinha para a cidade de a pé, a cidade era de chão, e a igreja matriz era de tabua”.***

Luiz Bizarria da Silva, 76 anos, natural de Garanhuns-PE.

***“...era diferente, muito barro vermelho”.***

Antonio Correa Lima, 78, natural de Miragem-CE.

***“Tinha muita fartura e hoje não, muita mata virgem e hoje não”.***

Raimunda Ferreira Monteiro, 73 anos, natural de Triunfo-PE.

As fotos e os depoimentos dos entrevistados permitem compreender a situação enfrentada e vivida por eles, por ocasião da chegada ao município de Assaí. Os primeiros migrantes tiveram até mesmo desmatar áreas para plantar suas lavouras, como é o caso da dona Maria de Lourdes Barros da Silva, conforme entrevista para o livro “Trabalhadores do Ouro Branco”. Ela relatou que

***“Cortava a mata para fazer a roça. Eu ainda alcancei tudo isso aí... Quando eu cheguei, eles não tinha tirado aquelas madeira grande da roça, você tinha que subi naquele pau... acho que dava uns seis... dez metros...”.*** (ALEGRO, p.19, 2007).

Essa foi a realidade de muitos desses migrantes nordestinos.

As casas e ruas sem asfalto foram citadas por 26 dos entrevistados, totalizando, 43,3 %; 14 pessoas citaram que as lojas comerciais e as igrejas eram de

madeira, perfazendo um total de 23,4 % dos entrevistados. Enfim, respostas como muitas lavouras, movimento de pessoas, casas com cerca de balaustre e a notável presença de tratores nas ruas do município. (Tabela 13).

**Tabela 13** – Representação de Assaí na chegada

<b>Representação</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Poucas casas, sem asfalto	26	43,3
Lojas comerciais e igreja de madeira	14	23,4
Muita lavoura	06	10,0
Muito movimento	05	8,3
Casas com cerca de balaustre	05	8,3
Muito trator na cidade	02	3,3
Muitos japoneses	01	1,7
Não tem lembranças	01	1,7
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

As principais dificuldades ao chegar foram principalmente em relação ao frio, citado por 35,9 % dos entrevistados. Até então a maioria deles nunca havia experimentado temperaturas tão baixas e até mesmo as geadas. Esses, despreparados quanto às vestimentas próprias para suportar o frio, dormiam muitas vezes nas tulhas repletas de algodão para se aquecer, pois as casas das colônias eram precárias, cobertas de palmito, feitas de tabuinha, de chão batido, e as camas eram de tarimbas<sup>8</sup>. Muitos estranhavam também a cor da terra, achavam a comida ruim. Muitos conheceram o arroz pela primeira vez em Assaí. (Tabela 14)

A dona Neuza Correa de Mello relatou que:

***“... não existia água de beber, era um sacrifício, água doce a gente ficava até duas horas três horas da manhã porque a noite vinha um pouquinho e a gente ficava colhendo água em tambor né...já tinha os canos instalados na casa só não tinha água...”***

<sup>8</sup> Tarimba é o nome dado as camas feitas com tábuas de madeira, considerada dura e desconfortável, muito utilizadas pelos colonos japoneses e nordestinos.

Outra senhora, dona Maria Borges da Silva, afirmou que não encontrou muitas dificuldades, mas a preocupação era trabalhar para pagar as despesas da viagem. Segundo ela,

***“... as dificuldades não foram muitas; era muito trabalho; de início fomos vendidos para o japonês Marumo, tinha que trabalhar para pagar as despesas da viagem”.***

O senhor José Manoel da Silva, relatou que:

***“...se não fosse o algodão para dormir dentro, tinha congelado”.***

Em relação à comida, os migrantes nordestinos não tinham o hábito de comer arroz, portanto alguns vieram a conhecer aquele cereal já no município de Assai. Eles consideravam essa comida ruim e fraca para o trabalho, já que necessitavam de muita força e vigor físico para vencer a jornada diária.

O Sr. Heleno José de Lemos, 68 anos, natural de São José do Egito-PE, relatou que a comida dele em Pernambuco era milho, carne seca, feijão. Chegando aqui, ele teve que comer arroz, o qual também achou muito ruim e fraco.

Como a presença de japoneses era intensa, considerando sua participação na fundação das várias seções rurais que compõem o município de Assaí, na organização em termos de escolas, associações, resultavam em fatores que fortaleciam a língua pátria. Os nordestinos achavam estranho e de muita dificuldade a convivência com pessoas falando outro idioma.

Até mesmo a questão da cor da terra foi motivo de estranhamento para esses nordestinos. Esses foram alguns dos muitos e diferentes depoimentos que se obteve com a presente pesquisa.

**Tabela 14** – Dificuldades ao chegar

<b>Dificuldades</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Muito frio	26	40,6
Moradia ruim	10	15,6
Comida ruim	10	15,6
Trabalho pesado	04	6,2
Choque cultural japonês/ língua	04	6,2
Barro vermelho/terra roxa	02	3,2
Dormia em <b>tarimba</b>	01	1,6
Falta de água potável	01	1,6
Nenhuma	06	9,4
<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

As condições de vida nos dias atuais são consideradas por eles melhores, em comparação à época de sua chegada ao município e nos anos de trabalho nos algodoais. A pesquisa apontou que 95% dos entrevistados estão gozando de melhores condições de vida. Apenas 1% considerou que a situação permanece pior do que antes. A maioria desses migrantes conta com aposentadoria pelo INSS, ou seja, 76,6% deles, e muitos ainda se dedicam a alguma atividade rural. Entre os nordestinos, alguns estão em situação privilegiada financeiramente, possuindo e cultivando grandes extensões de terra, além de gado em outros estados. (Tabela 15).

**Tabela 15** – Condições de vida atual

<b>Condição</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Melhor	57	95,0
Mesma coisa	02	3,3
Pior	01	1,7
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

### 3.3 O TEMPO DE TRABALHO NOS ALGODOAIS ASSAIENSES

O desenvolvimento econômico do município de Assaí atraiu muitos migrantes nordestinos que, motivados pelo relato sobre o desempenho das lavouras da nova terra roxa, deslocaram-se para o norte paranaense com o intuito de ganhar dinheiro e depois retornar. Muitos então resolveram se aventurar, vendendo então o pouco que tinham e vieram em busca de trabalho e condições melhores de vida.

A cultura do algodão necessitava de trabalho braçal em grande escala, o que proporcionou a geração de inúmeros empregos. Atentos a isso, muitos nordestinos conseguiram fazer uma poupança e compraram suas próprias terras, passando a ser os responsáveis pela vinda de novos nordestinos, em caminhão “pau-de-arara”. Mas, a facilidade de chegar e já estar empregado se contrapõe com o fato de ficar endividado, tendo que passar meses trabalhando para o pagamento da passagem e despesas de viagem.

Por isso, 43% dos entrevistados vieram com contrato de trabalho nas seções rurais. Dos sessenta entrevistados, vinte e dois deles foram indicados em seus trabalhos por familiares, outros quatro receberam ajuda de amigos, três vieram por conta própria e cinco não responderam ao levantamento. (Tabela 16).

**Tabela 16** – Como foi para conseguir o trabalho na cultura do algodão

<b>Opções</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Já vieram com trabalho	26	43,3
Indicação de familiares	22	36,7
Ajuda dos amigos	04	6,7
Por conta própria	03	5,0
Não responderam	05	8,3
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09

Conseqüentemente, dos sessenta entrevistados, trinta deles, quando chegaram ao município de Assaí e foram morar nas propriedades rurais dos próprios conterrâneos, totalizando 50%. Esses empregadores nordestinos já haviam se estabelecido e adquirindo terras, e alguns deles tornaram-se personalidades no município de Assaí. (Tabela 17).

**Tabela 17 – Naturalidade dos proprietários rurais**

<b>Proprietários</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Nordestinos	30	50,0
Migrantes japoneses	22	36,7
Mineiros	05	8,3
Não responderam	03	5,0
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

Em relação aos bens adquiridos com o trabalho nos algodoais, (tabela 18) dos sessenta entrevistados nordestinos, trinta e dois relataram que não conseguiram adquirir nenhum tipo de bem. Porém, outros vinte e cinco possuem algum bem de valor, como se expressam nas citações abaixo:

***“Com oito anos já tinha dinheiro para comprar terra, trabalhei apenas uma safra com os patrões japoneses, depois já arrendei um pouco de terra e me mudei”.***

Maria Borges da Silva, 66 anos, natural de Limoeiro-PE.

***“Com quatro anos de trabalho deu pra comprar um sítio na Seção Paineira”.***

Maria Davi de Moraes Sato, 65anos, Garanhuns-PE.

***“Eu com cinco anos de trabalho comprei dois alqueire e meio”.***

José Manoel da Silva, 73 anos, natural de Jupi-PE.

***“Depois de três anos possui dezoito alqueires de terra, carro e casa”.***

Luis Barreto, 72 anos, natural de Angelim-PE.

**“Com três anos comprei dez alqueires”.**

José Amaral Ferreira, 72 anos, natural de União dos Palmares-AL.

**Tabela 18** – Tempo necessário para a aquisição de bens

<b>Compra</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
0 – 5 anos	16	26,7
5 – 10 anos	07	11,7
10 – a mais	02	3,3
Não comprou	32	53,3
Não responderam	03	5,0
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

Em relação à vida dos trabalhadores, 55% dos entrevistados citaram como boa sua época como trabalhadores dos algodoais. Outros 18,3% relataram que a vida como trabalhador dos algodoais é melhor do que a atual. Já 21,6% disseram que era uma vida de muito sofrimento e trabalho. A tabela 19 posteriormente confirmara esses dados.

Muitos entrevistados se recordam desse período de suas vidas que, apesar de muito penosa e árdua, havia mais facilidade quanto à possibilidade de adquirir posses. (Fotos 14, 15 e 16). Vejamos algumas falas.

**Foto 14.** Dona Maria Borges da Silva, no dia da entrevista



***“Era uma vida de muito trabalho, mas ganhava dinheiro, depois que me casei, meu esposo tinha posse, daí passei a pesar fardos de algodão e pagar os empregados de meu marido”.***

Maria Borges da Silva, 66 anos,  
natural de Limoeiro-PE.

Fonte: Miriam Lopes Paulo. Jan/ 2009.

**Foto 15.** Dona Otília Rosa Pereira, no dia da entrevista.



***“Era uma vida sofrida, criava os filhos trabalhando na roça, cozinhando para os camaradas”.***

Otília Rosa Pereira, 65 anos,  
natural de Limoeiro-PE.

Fonte: Miriam Lopes Paulo. Jan/ 2009.

**Foto 16** - José Bernardino de Souza e esposa Luzinete Francisca de Souza, em frente a sua residência no Distrito de Pau D'Alho do Sul no dia da entrevista.



***“No tempo do algodão a vida era melhor, todo ano eu comprava uma coisa, terra, trator...”***

José Bernardino de Souza, 78 anos, natural de Passira-PE.

**Fonte:** Miriam Lopes Paulo. Jan/2009.

Já a dona Leomar Davi da Silva, de 71 anos, natural de Garanhuns-PE, relata que:

***“... era muito sofrimento trabalhava como homem, erguia sessenta quilo no braço, levava os filhos para a roça e tinha os afazeres do lar, buscar lenha, água na mina, os homens tomavam banho no rio e as mulheres na casa mesmo na bacia, a casa era de chão batido, usava o estrume da vaca misturado com cinza para varrer o chão da casa”***.

**Tabela 19** – Condições de vida como trabalhadores dos algodoais

<b>Condições de vida</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Boa	33	55,1
Melhor	11	18,3
Muito sofrimento e trabalho	13	21,6
Não responderam	03	5,0
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

O trabalho nos algodoais era a rotina desses migrantes nordestinos, no qual se buscava a satisfação das necessidades diárias, e o trabalho era o de mais importante em suas vidas. Através dos relatos e fotos, percebe-se que a família toda - homens, mulheres, crianças - ia para o trabalho nas lavouras de algodão, dia após dia, em busca de sobrevivência e melhoria nas condições de vida. (Fotos 17 e 18).

**Foto 17** - Trabalho nos algodoais, onde se percebe a presença de homens, mulheres e crianças. Ano/ 1980.



**Fonte:** Imagem extraídas do livro *Trabalhadores do Ouro Branco*.

**Foto 18** Trabalho nos algodoads em que observamos a presença de mulheres e crianças. Ano/ 1978.



**Fonte:** Imagem extraída do livro *Trabalhadores do Ouro Branco*.

O trabalho de todos os membros da família predominava nos algodoads, conforme confirmam as fotos. Além do cuidado com a casa, a horta, os animais e alimentação dos empregados, mulheres e crianças iam para a roça e compartilhavam das tarefas no cultivo e colheita do algodão.

Em relação à forma de pagamento, 70% dos trabalhadores dos algodoads recebiam por arroba colhido, ou seja, 15 quilos. Outros 11,7% recebiam por jornada de trabalho, e apenas 6,6% recebiam por porcentagem, havendo ainda 11,7% deles que não se recordam da forma de pagamento recebida. (Tabela 20).

**Tabela 20** – Forma de pagamento para os trabalhadores dos algodoads

<b>Tipos</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Peso (arroba)	42	70,0
Por jornada (dia, mês)	07	11,7
Por contrato (porcentagem, meeiro)	04	6,6
Não lembram	07	11,7
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

A maioria dos migrantes nordestinos podia plantar algum tipo de lavoura para o seu sustento, sem a interferência do patrão, na proporção de 66,7% deles, ao passo que 25% não tinham permissão para isso. (Tabela 21).

**Tabela 21** – O patrão permitia que plantasse outra lavoura

<b>Lavoura</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Sim	40	66,7
Não	15	25,0
Não responderam	05	8,3
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

As casas dos trabalhadores eram muito simples, de madeira, de tabuinha, de chão batido, coberta de palmito. Outras eram mais simples, semelhante a um rancho, uma tulha, sem energia elétrica, sem água encanada. As camas eram de tarimba, ou seja, feita de madeira, como eles mesmos relataram. (Tabela 22 e fotos 19 e 20).

**Foto 19.** Dona Maria de Lourdes da Silva, no dia da entrevista.



***“No começo a casa que eu morava era de chão, sem forrar, e os palmito tinha muito barbeiro”.***

Maria de Lourdes Barros da Silva, 75 anos, natural de Garanhuns-PE.

**Fonte:** Miriam Lopes Paulo. Jan/2009.

**Foto 20** - Dona Maria Ramos da Silva, com seu esposo Nelson Luis da Silva, em sua residência no Distrito de Pau D'Alho do Sul.



*“A casa era de madeira, sem luz, sem água, chão de terra...”.*

Maria Ramos da Silva, 61 anos, natural de Jupi-PE.

Fonte: Miriam Lopes Paulo. Jan/2009.

**Tabela 22** – Situação das casas dos trabalhadores (\*)

<b>Características</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Madeira, tabuinha, rancho	37	48,9
Chão batido	16	21,0
Palmito com barbeiro	08	10,5
Cobertura de capim, sapé	03	3,9
Não era boa, ruim	02	2,6
Cama de tarimba	02	2,6
Alvenaria	01	1,3
Sem luz, sem água	01	1,3
Não responderam	06	7,9
<b>Total</b>	<b>76</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

(\*) Respostas múltiplas

Vejam algumas outras citações das lembranças de suas moradias no início de sua vida em Assaí:

***“A casa era de chão, velha, chovia dentro e nos dormia em tarimba”.***

Maria Davi de Moraes Sato, 65 anos, natural de Garanhuns-PE.

***“Era de sapé, chão batido, e pra dormir era em tarimba”.***

Aurenice Cordeiro de Amorim, 68 anos, natural de Garanhuns-PE.

***“Paredes de madeira de palmito, coberta de sapé e não tinha piso não, era chão de terra mesmo”.***

Maria Martins Lemos, 64 anos, natural de Milagres-CE.

***“As casas eram de chão batido, as paredes de tabuinha, o forno de lenha, e pra tomá banho era de rio”.***

Maria Borges da Silva, 66 anos, natural de Limoeiro-PE.

***“A casa era de madeira, sem luz, sem água e de chão batido”.***

Maria Ramos da Silva, 61 anos, natural de Jupi-PE.

Nas seções rurais havia muitas casas similares as citadas pelos entrevistados, mas com o tempo foram sendo reformadas e ficaram mais confortáveis. Tais casas eram chamadas por eles de “coloninha”<sup>9</sup>, e, no momento, uma empresa do município de Assaí, denominada – Comércio de Madeiras - está

---

<sup>9</sup> Denominação dada as moradias dos trabalhadores rurais.

comprando as tábuas dessas casas, pois são madeiras de lei, como o cedro, a cabiúna, a peroba, e estão vendendo para uma fábrica de móveis do estado de Minas Gerais. (Foto 21).

**Foto 21** - Antigo barracão da Mercantil de Algodão Vale do Tietê-LTDA, hoje ocupada por uma empresa, denominada, Comércio de madeiras.



**Fonte:** Adriano Pereira de Almeida. Jan/2009.

Esta empresa atualmente, está instalada em um antigo barracão de beneficiamento de algodão, a antiga – Mercantil de Algodão Vale do Tietê-LTDA – cujo prédio se encontra em boa parte depredada e outra parte foi e/ou está sendo ocupada pelos seguintes atividades: lavanderia, fábrica de barbantes e comércio de madeiras. (Foto 22).

**Foto 22** - Antigo barracão da Mercantil de Algodão Vale do Tietê-LTDA, hoje ocupada por uma empresa, denominada, Comércio de madeiras.



**Fonte:** Adriano Pereira de Almeida. Jan/2009

Outras empresas beneficiadoras de algodão do município de Assaí, tiveram seus barracões ocupadas por metalúrgicas, subsidiárias da Atlas Schindler.

Em relação à queda da cotonicultura, 65,7 % dos migrantes consideram que a principal causa que provocou a diminuição da produção do algodão no município de Assaí foi a praga do bicudo. No entanto, o presente trabalho aponta também respostas como o preço baixo, o aparecimento de outras culturas, a política do governo, que a terra enfraqueceu, que os empregados começaram a levar os patrões à Justiça Trabalhista, a inflação, o adubo caro, dívidas, entre outras. (Tabela 23).

**Tabela 23** – Causas da diminuição do algodão em Assaí. (\*)

<b>Motivos</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Praga do bicudo	46	65,8
Preço baixo, adubo caro, investimento alto	09	12,9
Política do governo, inflação, dívida	04	5,7
Substituição por outras culturas (soja)	02	2,8
Empregados levando patrões à justiça	02	2,8
Terra que enfraqueceu	01	1,4
Divida no banco	01	1,4
Não sabem	05	7,2
<b>Total</b>	<b>70</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa "in loco". Assaí – PR, 2008/09.

(\*) Respostas múltiplas

Observa-se que essa diminuição da produção do algodão ocorreu principalmente entre os anos 1970 e 1980, conforme mostra a tabela abaixo. (Tabela 24).

**Tabela 24** – Diminuição do algodão por décadas

<b>Época</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Anos 60	01	1,6
Anos 70	11	8,3
Anos 80	27	45,1
Anos 90	09	15,0
Não lembra	12	20,0
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa "in loco". Assaí – PR, 2008/09.

A maior parte dos entrevistados, 56,6 % deles, não mantém contato algum com os familiares que não migraram; outros 43,3 % mantêm contato por cartas, telefonemas. (Tabela 25).

Alguns migrantes relataram fatos das suas formas de contato com seus familiares que ficaram ou retornaram. Vejamos:

***Eu voltei mais de dez vezes, perdi a conta, meus pais ficaram apenas 8 anos aqui, ganharam dinheiro e retornaram...eu fiquei casei com um pernambucano, tive filhos e no ano de 1984 fomos para Rondônia e só retornei a cinco anos com a morte do meu marido.***

Maria Borges da Silva, 66 anos, natural de Limoeiro-PE.

***Eu tenho família, mas não mantenho contato.***

Maria das Neves Silva de Oliveira, 61 anos, natural de Sapé-PB.

***Eu só mantenho contato com minhas irmãs que ficou.***

Maria José Andrade de Menezes, 73 anos, natural de Aquidabã-SE.

***Eu fui, demorei muito para voltar pela primeira vez, voltei com quase quarenta anos de idade, depois voltei junto com meu pai fui rever nossa família, lá rever nossos familiar, de 13 irmãos que meu pai tinha que ficaram lá, que era dezoito irmão era dezoito lá mas desse 13 que ficaram lá nos achamos só o irmão mais velho do meu pai vivo e a mulher dele achamos muito a subrinhada primos, depois voltei mais quatro cinco vezes, a última vez que eu voltei foi em 1992.***

Neuza Correa de Melo, 79 anos, natural de Viçosa-AL.

**Tabela 25** – Relação com o estado de origem

<b>Relação</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Sim (cartas, telefone)	26	43,3
Não	34	56,7
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

### 3.4 CONTRIBUIÇÕES NORDESTINAS PARA O MUNICÍPIO DE ASSAÍ

Há cerca de quatro anos, com o intuito de homenagear os trabalhadores e seus descendentes que vieram do Nordeste para a colheita do algodão, a prefeitura do município promove uma festa que tem a duração de três dias. O evento conta com comidas típicas, show com cantores nordestinos, brincadeiras folclóricas, oficinas e exposição de artesanato. Apesar disso, 42,2% dos entrevistados nunca compareceram a essa festa. Eles acham importante pela questão da homenagem, das lembranças da terra natal, mas até o presente momento não se interessaram em ir. Outros 15,6% não a consideram importante, por considerar que tal evento promovido pelo município de Assaí, nem se compara com as festas da época em que eles moravam no Nordeste. (Fotos 23 e 24).

**Foto 23** - Bonecos de barro. Cultura típica da cidade de Caruaru-PR, promovida pelo Mestre Vitalino.



**Fonte:** Miriam Lopes Paulo. Assaí/2008.

**Foto 24.** Barraca com comida e objetos típicos nordestinos.



**Fonte:** Miriam Lopes Paulo. Assaí/2008

Alguns depoimentos comprovam esse fato:

***Eu acho muito importante e fui em todas.***

Aurenice Cordeiro de Amorim, 67 anos, natural de  
Garanhuns-PE.

***Não acho importante e nunca fui...***

Maria Helena da Silva, 60 anos, natural de Garanhuns-  
PE.

***Eu não fui, mas acho importante para o povo.***

Miguel Batista dos Santos, 65 anos, Cupira-PE.

Esse tipo de festa é muito importante para toda a comunidade nordestina, apesar de que muitos não participam, mas tem seus filhos, netos que tem a oportunidade de conhecer e apreciar um pouco da riqueza cultural nordestina, pois suas atrações são cuidadosamente planejadas, os preparativos são feitos com antecedência e implicam a organização permanente de pessoas encarregadas de executar inúmeras tarefas, mesmo sendo esta uma festa pequena.

Na foto de número 26, podemos observar o Sr<sup>o</sup> Severino Felix Pessoa, ex-prefeito municipal e ex-deputado estadual, aguardando o momento de fazer seu pronunciamento. Ele é sempre figura de destaque nessas festas nordestinas, relatando a sua vida de migrante e o seu estabelecimento em terras norte paranaenses.

Quando das perguntas para os migrantes sobre as personalidades de destaque no município de Assaí, o nome do Sr. Severino Felix Pessoa, foi citado quarenta e duas vezes, pois já foi Prefeito Municipal por dois mandatos (1983 -1989) e Deputado Estadual (1992-1996), tendo marcado toda uma geração de migrantes nordestinos, muitos tendo-o como espelho a seguir, pelas suas conquistas materiais e pessoais. (Fotos 25 e 26).

**Foto 25** – Severino Felix Pessoa em seu escritório no dia da entrevista.



**Fonte:** José Paulo. Jan/2009.

***“... por que se falava que Assaí era uma terra que produzia muito algodão... e quando eu vi um amigo meu que veio aqui no Paraná e levou umas fotografias das lavouras para mim...fiquei louco por essa terra”.***

Observa-se que a fala acima evidencia o motivo pelo qual ele migrou e com apenas dois anos de trabalho conseguiu comprar sua própria terra e de empregado passou a ser empregador de seus próprios conterrâneos.

Outros nomes, tais como: Luis Bizarria da Silva, José Botelho de Frias, Benone Felix Pessoa, João Rodrigues e José Amaral Ferreira, também foram citados, sempre referindo-se à riqueza alcançada por eles, riqueza tida como, a posse de terra, ou seja, são proprietários de terras. Muitos dos entrevistados nordestinos foram empregados desses nomes em destaque.

**Foto 26** - Severino Felix Pessoa, à esquerda, na quarta edição da festa nordestina do município de Assaí-PR.



Fonte: Miriam Lopes Paulo. (2008)

As principais lembranças que os migrantes nordestinos tem de sua terra natal referem-se a seus familiares que ficaram. Outras respostas incluem ainda a comida, as festas, a seca, os rios, a falta de água, o modo de vida, as feiras, a roça, as frutas, os açudes, as lavouras de abacaxi e as cidades. (Tabela 26).

***“Me lembro dos campos verdes dos rios que a gente tomava banho, tinha muito mais natureza, daqueles córrego um chamava Tropa outro rio Mondau que fica em União dos Palmares terra dos quilombos”.***

Neuza Correa de Melo, 79 anos, natural de Viçosa-AL.

***“Tenho lembranças das irmãs que ficaram, da vida boa, depois que casou veio as dificuldades, as festas da Conceição, do São Sebastião, em outubro, tinha o mamulengo, o cavalo marinho..”.***

Maria Frausina da Silva, 78 anos, natural de Limoeiro-PE

***“Sinto saudade da feira de Garanhuns, das cidades de Lajedo, São João, da festa de São Paulo...”***

José Manoel da Silva, 73 anos, natural de Jupi-PE.

***“Eu ia buscar água, andava muito quilômetro para disputar canequinha d’água”***.

Luzinete Francisca de Souza, 73 anos, natural de Passira-PE.

**Tabela 26** – Lembranças do Nordeste.

<b>Lembranças</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Familiares (pessoas)	22	36,7
Seca, falta de água	10	16,7
Comida	07	11,7
Festas	06	10,0
Rios	04	6,7
Modo de vida	03	5,0
Feira	02	3,4
Roça	02	3,4
Frutas cacau, abacaxi	02	3,4
Açude	01	1,6
Cidades	01	1,6
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

Muitos nunca tiveram a oportunidade de voltar para rever seus familiares. Outros 21,7 % retornaram pelo menos uma vez ao Nordeste; 5 % de seis a nove vezes, e apenas seis pessoas retornaram acima de 10 vezes ao seu estado de origem. Destaca-se aqui, o Sr. Zequias Rufino, que todo ano vai para o Nordeste rever seus familiares, totalizado 54 vezes até o presente momento. (Tabela 27).

**Tabela 27** – Quantidade de vezes que retornou para o Nordeste.

<b>Quantidade</b>	<b>nº.</b>	<b>%</b>
Nunca	22	36,6
1 vez	13	21,7
2 vezes	06	10,0
3 vezes	04	6,7
4 vezes	05	8,3
5 vezes	01	1,7
6 a 9 vezes	03	5,0
Acima de 10 vezes	06	10,0
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa “in loco”. Assaí – PR, 2008/09.

A pesquisa mostrou o quanto o nordestino é saudosos de sua terra, os entrevistados com condições financeiras, sempre estão em visita e/ou contato com os seus familiares. Outros que foram poucas vezes, foi por motivo de não ter condições, mas eles guardam em suas memórias os lugares, amigos e familiares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os migrantes nordestinos contribuíram para o crescimento econômico e populacional do município de Assaí-PR. Nos anos de 1950, a população era composta por 31.884 habitantes. Em épocas áureas do algodão, a zona rural possuía grande número de habitantes, moradores nas colônias. Havia 22 escolas municipais, atualmente quase todas desativadas, restando apenas duas em funcionamento: a da Seção de Pau D'Alho do Sul, que hoje é Distrito do município de Assaí, e a da Seção Cebolão. O comércio era muito expressivo, contando com estabelecimentos como as Casas Pernambucanas e Lojas Riachuelo com filiais em Assaí, e na área de entretenimento, havia duas salas de cinema.

A queda da produção do algodão, segundo relatos dos pioneiros, deu-se com a praga do bicudo. Conforme a literatura sobre Assaí e entrevistas com os trabalhadores da época, não foi crise econômica nacional que provocou a queda da produção do algodão. Nas lembranças dos trabalhadores, prevalece certa “naturalização” do ocorrido, como se a expulsão do catador dos algodoads fosse um fato que ocorreria com a evolução do município.

Como consequência desse fato, “as colônias” de moradores praticamente foram extintas na maior parte das seções rurais, pois os moradores sem trabalho no campo migraram para a zona urbana em busca de novas opções em outras áreas. Tem-se que considerar que muitos desses migrantes, com alguns anos de trabalho no campo, puderam comprar suas próprias propriedades rurais.

Passada a fase do algodão, os estabelecimentos comerciais conseguiram permanecer por algum tempo no município, mas, em virtude da queda populacional e do poder de compra dos moradores, alguns daqueles empreendimentos procuraram se instalar em outras cidades mais promissoras, assim como os cinemas também fecharam as portas.

Hoje, as principais culturas agrícolas de Assaí são soja, trigo e milho que, juntamente com a pecuária, e a produção de hortifrutigranjeiros representam importante papel na atividade econômica do município.

Há cerca de quatro anos, a prefeitura com o intuito de homenagear os trabalhadores e seus descendentes que vieram do Nordeste para a colheita do algodão, promove uma festa de três dias, contando com comidas típicas, show com cantores nordestinos, brincadeiras folclóricas, oficinas e exposição de artesanato.

Entende-se que os processos econômicos e a sociedade capitalista são responsáveis pela produção do território, e, esses articulam os objetos das relações sociais e de trabalho. Ao mesmo tempo, verificou-se as transformações no campo e na cidade, pois de uma área de ocupação, predominantemente, de imigrantes japoneses, tem-se hoje uma população bastante heterogênea, destacando-se os nordestinos, que contribuíram, significativamente, para o desenvolvimento do município.

Atualmente, os nordestinos do município de Assaí, encontram-se já avançados em idade, considerando o período em que esses migraram, alguns vivendo de aposentadoria, outros ainda exercem algum tipo de atividade e/ou trabalha em suas terras. Muitas são as lembranças que eles guardam dos seus estados de origem e também do município de Assaí, de quando eles chegaram e o crescimento e desenvolvimento que foi acontecendo no decorrer dos anos.

Esta pesquisa pode comprovar a importância da população nordestina para o crescimento e desenvolvimento do município de Assaí-PR.

## REFERÊNCIAS

ASARI, Alice Yatiyo. **E eu só queria voltar ao Japão**: colonos japoneses em Assaí. 1992. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade São Paulo, São Paulo.

ASSAI. Prefeitura Municipal. **Plano Diretor do Município de Assaí**. Assaí: PM, 2005.

ALEGRO, R.C; **Trabalhadores do Ouro Branco – no Norte do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2007

ATLAS SCHINDLER. **Home**. Disponível em: <[http://www.atlas.schindler.com/sao\\_index](http://www.atlas.schindler.com/sao_index)>. Acesso em: 14 jan. 2010.

BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti. O problema das “Frentes Pioneira” no Estado do Paraná. In: FRESCA, Tânia Maria; CARVALHO, Márcia Siqueira. **Geografia e Norte do Paraná**: um resgate histórico. Londrina: Humanidades, 2007. v. 1, p. 137-211.

BRITO, Fausto. Brasil, final de século: a transição para um novo padrão migratório?. In: CARLEIAL, Adelita Neto (Org.). **Transições migratórias**. Fortaleza: INPLANCE, 2002. p. 15-54.

CAMARANO, Ana Amélia; BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ARAÚJO, Herton Ellery; MEDEIROS, Marcelo. **Dinâmica demográfica regional e as novas questões populacionais no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2000.

CARLEIAL, Adelita Neto. Cultura migratória. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Transições migratórias**. Fortaleza: INPLANCE, 2002. Cap. 9.

CARVALHO, Márcia Siqueira. **Geografia e Norte do Paraná**: um resgate histórico. Londrina: Humanidades, 2007. v. 2, p. 1-18.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1975.

GIOVANNETTI, Gilberto; LACERDA, Madalena. **Melhoramentos**: dicionário de geografia: termos, expressões e conceitos. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1996.

GONÇALVES, Cátia Rocha, **Migrantes nordestinos no cultivo do algodão (Assai-PR, Década de 1950)**: leituras a partir da escola. 2009. Monografia (Especialização em História Social e Ensino de História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Assai - PR. **Cidades@**, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 20 fev. 2010.

JANNUZZI, Paulo de Martino. Mobilidade social e migração no Brasil: revisão bibliográfica e elementos empíricos para análise. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas, v. 16, n. 1/2, p. 55-81, jan./dez. 1999.

LEITZKE, Rolf. **A cotonicultura no Paraná: o caso de Assai**. 1985. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geociências) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

LIMA, Luiz Gonzaga de. **Garanhuns em versos: um pouco da sua história**. Recife: Polys, 2009.

MAACK, Reinhard. **Geografia física do Estado do Paraná**. 3. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

MARTINS, Dora; VANALLI, Sonia. **Migrantes: migração interna no Brasil 'baianos' e 'paraibanos' a reforma agrária resolve?**. São Paulo: Contexto, 1994.

MENEZES, Marilda Aparecida; GONÇALVES, Alfredo José. **Migrações no Brasil: o peregrinar de um povo sem terra**. São Paulo: Paulinas, 1986.

MÜLLER, Nice Lecocq. Contribuições ao estudo do Norte do Paraná. In: FRESCA, Tânia Maria; CARVALHO, Márcia Siqueira. **Geografia e Norte do Paraná: um resgate histórico**. Londrina: Humanidades, 2007. v. 2, p. 19-70.

MULLER, N. L. Contribuição ao estudo do norte do Paraná. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 22, p. 56-95, mar. 1956.

OGUIDO, Homero. **De imigrantes pioneiros: a saga dos japoneses no Paraná**. Curitiba: Ipê, 1988.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná**. São Paulo: Hucitec, 1981.

PÓVOA NETO, Helion. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual: novos desafios para análise. **Experimental**, São Paulo, n. 2, p. 11-24, 1997.

RODRIGUES, Adriana Maria Martini. **Migração temporária e suas implicações na educação: o caso de Santa Margarida: Bela Vista do Paraíso – PR**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço - técnica e tempo, razão e emoção**, Ed:Hucitec, São Paulo, 1996.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

SOUZA, Itamar. **Migrações internas**. Petrópolis: Vozes, 1980.

SZMRECSÁNYI, Tamás. Da aritmética política à demografia como ciência. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas, v. 16, n. 1/2, p. 3-15. jan./dez. 1999.

**ANEXOS**

**ANEXO A****QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO  
MIGRANTES NORDESTINOS****DADOS PESSOAIS**

1. Nome
2. Data de nascimento
3. Naturalidade
4. Profissão

**PERGUNTAS REFERENTES À MUDANÇA DE REGIÃO – NORDESTE x SUL.**

5. Como era a sua vida no Nordeste?
6. O que motivou seus pais ou você para migrar?
7. Quantos dias durou a viagem?
8. Quais foram às condições em que você viajou?
9. Em qual ano você mudou para o município de Assai?
10. Onde foi a sua primeira moradia em Assai? (urbano/ rural)
11. Qual foi o seu primeiro trabalho?
12. As condições de vida em termos de moradia, comida e trabalho foi mais compensador aqui do que no Nordeste?
13. Como era o município de Assai quando você chegou?
14. Quais dificuldades você encontrou ao chegar aqui?
15. E hoje, a vida está melhor ou pior do que quando você chegou?
16. Qual é a sua ocupação atual?
18. Quais são as lembranças que você tem do Nordeste?
19. Você em algum momento pensou em retornar a morar no Nordeste?
20. Quantas vezes você retornou para seu estado de origem?
21. Qual relação você mantém com seu estado de origem hoje?

**PERGUNTAS PARA OS TRABALHADORES DOS ALGODOAIS**

22. Quando o senhor (a) veio do Nordeste, qual foi o primeiro trabalho que você desempenhou?

23. Como foi para você conseguir esse trabalho?
24. Em qual seção você foi morar?
25. Os proprietários eram nordestinos ou migrantes japoneses?
26. Depois de quantos anos de trabalho o senhor (a), conseguiu comprar a casa própria, ou propriedade?
27. Como era a sua vida como trabalhador do algodão?
28. Como era o ganho, mensal, safra?
29. O patrão permitia que você plantasse outro tipo de roça para subsistência?
30. Como era a casa dos trabalhadores?
31. Qual foi a primeira lavoura que o senhor plantou?
32. Por que o algodão quase se extinguiu do município de Assaí?
33. Quando ocorreu a diminuição da produção do algodão no município de Assaí. Qual trabalho você passou a fazer?
34. Qual é a importância da festa dos nordestinos para você?
35. Quais são os nordestinos que exercem a posição de destaque no município de Assaí?
36. Quais foram as contribuições que os migrantes nordestinos trouxe para Assaí?

## ANEXO B

## TABELAS - POPULAÇÃO RESIDENTE EM ASSAÍ-PR POR LUGAR DE NASCIMENTO.

**01 - ANO 1970**

<b>Estados</b>	<b>Município de Assaí</b>
Pernambuco	1.541
Bahia	728
Alagoas	386
Sergipe	248
Ceará	175
Paraíba	122
Rio Grande do Norte	40
<b>Total</b>	<b>3240</b>

Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e estatística) – Censos Demográficos, ano/ 1970

**02 - ANO 1980**

<b>Estados</b>	<b>Município de Assaí</b>
Pernambuco	920
Bahia	400
Alagoas	164
Ceará	134
Sergipe	70
Paraíba	58
Rio Grande do Norte	12
<b>Total</b>	<b>1758</b>

Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e estatística) – Censos Demográficos, ano/ 1980

**03- ANO 1991**

<b>Estados</b>	<b>Município de Assaí</b>
Pernambuco	621
Bahia	167
Alagoas	126
Sergipe	94
Paraíba	88
Ceará	46
Rio Grande Do Norte	12
<b>Total</b>	<b>1154</b>

Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e estatística) ano/ 1991

ANEXO C

**OS MIGRANTES NORDESTINOS**





